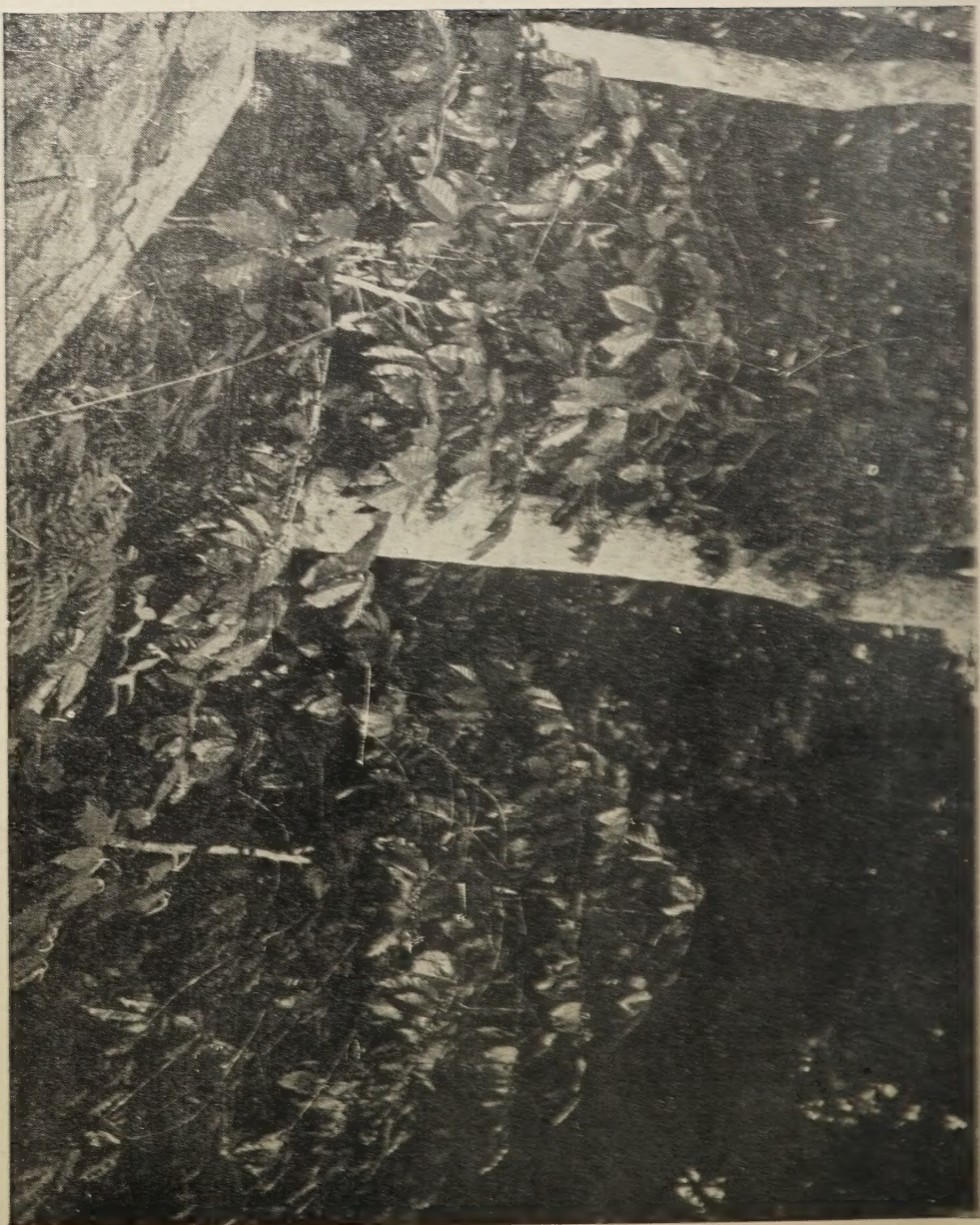


BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL





Calceiros sombreados

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Editado, mensalmente, pela SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ em
continuação à "Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo")

Sede: Rua 15 de Novembro, 111 - 19.º and.

SÃO PAULO - BRASIL

Ano XXXV

DEZEMBRO DE 1960

N.º 406

Sumário

COLABORAÇÃO:

J. E. Teixeira Mendes — Vários aspectos do problema da poda do cafeeiro (*conclusão*)

A. Carvalho — Melhoramento do café *robusta*

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Adubação do cafeeiro (*Palestra pronunciada pelo eng.º-agr.º Walter Lazzarini no Curso Sobre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, realizado pelo Centro de Debates Agronômicos, da Sociedade Paulista de Agronomia.*)

Cientistas brasileiros em Reunião Internacional da FAO

Safra de café no Paraná, em 1961 — J. G. Orsini

Atos Oficiais:

Decreto n.º 37 457, de 3 de novembro de 1960 (*Dispõe sobre abertura de um crédito suplementar de Cr\$ 900.000,00 no Instituto de Café do Estado de S. Paulo, administrado pela Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda.*)

Instituto Brasileiro do Café: Resolução n.º 179 (*de 14-11-60*). Comunicados ns. 60/123, 60/124 e 60/128 (*de 27 e 31 de outubro e de 24 de novembro de 1960, respectivamente*).

O café visto nos Estados Unidos (*Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York, setembro de 1960.*)

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 419, novembro de 1960

Quadros diversos sobre o movimento cafeeiro



AOS NOSSOS LEITORES

O BOLETIM DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ editado, mensalmente, em continuação à REVISTA DO INSTITUTO DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO — publicação de caráter técnico e informativo, de **distribuição gratuita e exclusiva** desta S.S.C. — constitui uma contribuição do Governo do Estado de São Paulo a todos quantos acompanham com interêsse os problemas da cafeicultura brasileira: o grande problema nacional.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA

CAFÉ E CULTURA INTERCALAR — Os espaços de terra entre os cafeeiros são, às vêzes, usados para culturas intercaladas. Esta prática agrícola não se recomenda. Deve ser abolida, embora ainda permitida por alguns lavradores. Os prejuízos advindos do seu emprêgo superam os lucros da cultura intercalar. A do feijão — mais comum por ser a que menos males acarreta — reduz de cêrca de 10% na produção dos cafeeiros.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO



Vários aspectos do problema da poda do cafeeiro

(Conclusão)

J. E. Teixeira Mendes

Eng. agrônomo

Vamos agora analisar os tipos de poda que se usam em alguns países cafeicultores.

O fim principal da poda, na Colômbia (poda em haste simples colombiana), é o de dar ao cafeeiro uma altura que facilite a colheita. Geralmente se escolhe a altura do operário como a máxima que o cafeeiro deve atingir.

Executa-se o retardamento do crescimento do cafeeiro em três fases sucessivas. A primeira, quando a planta já tem um ano no lugar definitivo. Cortam-se então o ponteiro e os dois ramos laterais que lhe ficam abaixo. Prefere-se cortar lenho maduro, o que se conhece pela côr mais escura. Faz-se a poda no meio do internódio. Com a eliminação dos dois laterais inferiores, a parte podada se apresenta em forma de cruz. Chama-se a essa operação "descope". Depois se retiram todos os ladrões que apareçam durante 10 meses. Nessa ocasião se passa à segunda fase (segundo descope), podando-se pelo internódio abaixo do corte anterior. Dos ladrões que nasceram, seleciona-se o mais vigoroso.

Há novo desenvolvimento vertical, formando-se o segundo estágio de ramos laterais. Durante cerca de 10 meses, não se deixa desenvolver nenhum ladrão nasci-

do logo abaixo do corte. Nessa ocasião se faz o terceiro corte do ramo ponteiro, exatamente como o anterior (terceiro descope). Escolhe-se de novo o ladrão mais vigoroso, eliminam-se os demais e deixa-se a planta crescer até a altura em que se deseja manter o cafeeiro, não mais permitindo que ele se desenvolva em altura, o que é possível pela supressão de todos os ladrões novos. O cafeeiro mantém-se então mais ou menos a 1,5 m de altura, fazendo-se nos ramos laterais podas de limpeza, para a retirada de ramos mortos, ladrões e para forçar as primárias excessivamente longas a ramificar-se em secundárias. O cafeeiro mais largamente usado na Colômbia é o **Typica** ou **Nacional**, que produz poucas palmetas, havendo por isso necessidade de podar os ramos laterais excessivamente longos e sem ramificação.

A poda colombiana utiliza, portanto, a capacidade do ramo ponteiro de produzir gemas capazes de dar origem a novos ramos ponteiros, que, ao se desenvolverem, produzirão novos laterais. Não temos notícias da existência na Colômbia de um processo de renovação do cafeeiro quando este já estiver com alguns anos de idade e já com uma quantidade de lenho em desproporção com a parte nova, isto é, ramos laterais em condições de produzir.

O cafeeiro na Colômbia em estado avançado de decadência apresenta-se com a forma de um guarda-chuva, pois se vão perdendo os ramos laterais superiores, que se alongam demasiadamente, encurvando-se em direção ao solo.

Na poda tipo Costa Rica, o cafeeiro é podado a uns 50 a 60 cm do solo. As duas gemas dormentes, que se acham logo abaixo do último par de ramos laterais, desenvolvem-se, dando origem a dois novos ramos ponteiros. Estes crescem e, quando atingem outros 50 a 60 cm são podados de novo, dando agora nascimento a quatro ramos ponteiros, que, por sua vez, depois de um período de crescimento, são cortados, dando origem a 8 novos ramos ponteiros. Pela disposição que os ramos ponteiros vão adquirindo e pela forma de esqueleto da árvore, recebe a poda o nome de "candelabro". Os ramos primários abaixo do primeiro estágio são, em geral, eliminados. Depois de alguns anos de tal prática, o cafeeiro fica esgotado, sendo necessário renová-lo. A planta é aí cortada a pequena altura do solo. Nasce então diversos ramos ladrões, dos quais se escolhem dois, que são tratados da forma já descrita, até a formação completa de uma nova árvore.

Em Quênia e Tanganica, na África, empregam-se os dois sistemas de poda o de haste simples e o de haste múltipla. A condução do cafeeiro em haste simples faz-se também por estágios. Poda-se o cafeeiro pela primeira vez ao atingir ele a altura do joelho do operário. Podado o ponteiro, elimina-se os dois ramos laterais mais próximos ao local do corte, sendo também podados todos os ladrões que apareçam logo após essa operação. Cêr-

ca de seis meses mais tarde, escolhe-se um único ladrão, que se deixa desenvolver até alcançar a altura da cintura do operário. Faz-se nova poda do ponteiro e dos laterais que lhe ficam logo abaixo, eliminando-se todos os ladrões durante cerca de seis meses. Nessa ocasião se escolhe outro ladrão para formar o ultimo estágio de crescimento. O cafeeiro será podado pela última vez quando atingir mais ou menos 1,5 m de altura. Além dessa poda para a formação do cafeeiro, eliminam-se todos os ramos secundários que se desenvolvam a uns 20 cm do tronco principal. No fim de alguns anos, quando o cafeeiro esteja necessitando de renovação, é receptado a pequena altura do solo. Dos numerosos ladrões que surgirem, escolhe-se o mais forte para refazer a árvore. A poda se praticará exatamente como já foi descrita até a completa formação do cafeeiro.

Como se vê, a poda pelo sistema de haste simples é sempre mais ou menos complicada, exigindo atenção, cuidados especiais para escolha de épocas oportunas e certa habilidade do operário.

A condução do cafeeiro em haste múltipla nada mais é do que o forçamento da aparição de ramos ponteiros, alguns dos quais devidamente escolhidos, mantidos durante alguns anos e depois substituídos por novos, de acôrdo com o esquema adotado. Seguem esse sistema a Guatemala e o México, na América, o Havaí e algumas regiões africanas.

A poda Guatemala ou agobiada consiste em vergar a planta quando ainda nova. Faz-se essa operação já no momento do plantio, inclinando a muda 45 graus, ou quando ela atinge de 50 a 60 cm de al-

tura, no lugar definitivo. Prende-se o ramo ponteiro bem próximo ao solo por meio de uma forquilha; assim forçado, o cafeeiro produz, por suas gemas dormentes, numerosos ramos ladrões (novos ponteiros).

Depois de algum tempo, quando já houve grande brotação, escolhem-se dois, três ou quatro ponteiros, os mais vigorosos e mais próximos do solo, retirando os demais, sempre com o cuidado de, daí por diante, não deixar nascer novos ladrões. Forma-se então a árvore de 3 ou 4 hastes. Estas se desenvolvem e, quando atingem altura conveniente, em alguns lugares, podam-se para que não cresçam demasiado. Explora-se o cafeeiro assim constituído durante o número de anos em que der boas produções. Quando estas começarem a decair, decepa-se a planta, e, dois brotos que aparecerem, escolhe-se um, que será de novo vergado, do modo descrito, para reformar a árvore, com os brotos ladrões escolhidos.

Como se vê, êsse tipo de poda fornece sempre um número razoável de ramos ponteiros, com os respectivos laterais, produtores de café e proporciona a renovação do cafeeiro, dentro de certo limite de tempo. Emprega-se largamente na Guatemala e na zona mexicana fronteiriça a êsse país.

O Havaí adota um tipo de poda baseado no mesmo princípio usado na Guatemala, porém com alguns pormenores que o tornam mais metodizado. Diversos têm sido os meios preconizados para manter o cafeeiro sempre com ramos ponteiros novos, capazes de produzir numerosos ramos laterais, produtores de frutos. O mais recentemente aconselhado pelos técnicos havaia-

nos é o de manter o cafeeiro com 4 ou 6 ramos ponteiros, com 1, 2, 3 e 4 anos de idade. Para chegar a uma planta assim conformada, procede-se do seguinte modo; no 1.^o ano, planta-se no local definitivo, vergando a planta a 45 graus, para forçar o aparecimento de numerosos ladrões, escolhendo-se quatro dos melhores para formação da árvore; no 2.^o e 3.^o anos, mantém-se a planta com 4 ponteiros, o que se repete nos anos subseqüentes; no 4.^o ano, após a colheita, elimina-se o ramo ponteiro n.^o 1, deixando um pequeno tóco para o desenvolvimento de novos ladrões, dos quais se escolhe apenas um para substituir o ponteiro podado; no 5.^o ano, mantém-se a planta com três ponteiros antigos e um novo; após a colheita, elimina-se o ponteiro n.^o 2, providenciando de maneira idêntica à anterior para a substituição dêsse ponteiro; no 6.^o ano, mantém-se a planta com dois verticais antigos e dois novos; após a colheita, elimina-se o ramo ponteiro n.^o 3, providenciando a sua substituição; no 7.^o ano, mantém-se a planta com um vertical antigo e três novos; após a colheita, elimina-se o ramo ponteiro n.^o 4 e providencia-se a sua substituição; no 8.^o ano, a planta terá então quatro ramos ponteiros de diferentes idades. Daí em diante, eliminando-se sempre o ramo ponteiro de 4 anos e forçando-se a sua renovação, ter-se-á sempre um cafeeiro com 4 ramos ponteiros de diferentes idades.

Podem deixar-se 6 hastes verticais em lugar de 4; neste caso, procede-se de modo análogo ao já explicado. No 4.^o ano, quando se inicia a poda, eliminam-se os ponteiros 1 e 2, que serão substituídos; no 5.^o ano elimina-se o ponteiro n.

3; no 6.^o ano eliminam-se os ponteiros 4 e 5 e no 7.^o ano elimina-se o ponteiro n.^o 6, em todos os casos substituindo os eliminados. Do oitavo ano em diante, repete-se o ciclo iniciado no 4.^o ano.

Quaisquer dos tipos de poda descritos, o de quatro ramos ponteiros ou o de 6 ramos ponteiros, são teóricos. Na prática, o lavrador não se apegua estritamente a êste ou aquêlo modo de proceder. Anualmente, retira os ramos ponteiros que já produziram por certo número de anos, 5, 6, 8 ou mais e deixa desenvolver um novo ponteiro, para substituir o eliminado.

Há uma preocupação generalizada em manter no cafêzal apenas ramos secundários. Para isso, eliminam-se cuidadosamente todos os ramos laterais de ordem inferior, a começar pelos terciários. Faz-se isso tendo em mira a facilidade da colheita, que é muito cara no Havai.

A poda em Kênia e Tangânica baseia-se no mesmo princípio dos demais de haste múltipla, diferindo, no entanto, a prática da operação e a conformação final da árvore.

Planta-se o cafeeiro em local definitivo e, quando atinge cêrca

de 50 cm, poda-se, retirando o ponteiro. Normalmente brotam as duas gemas dormentes existentes abaixo do último par de fôlhas deixado no ramo principal; estas se desenvolvem, constituindo a planta, inicialmente com 2 ramos ponteiros. Eliminam-se todos os ladrões que aparecerem. Depois que se formarem as duas hastes principais, podam-se também todos os ramos laterais que estejam a menos de 50 cm do solo. Mantém-se a produção, apenas nos ramos principais. À medida que produzem, vão sendo retirados, fazendo-se a poda junto do tronco. A produção do ano seguinte se dará nos ramos laterais ainda não ramificados. A planta vai tomando um curioso aspecto, completamente despida de ramos em sua parte inferior.

Explora-se o cafeeiro durante umas cinco ou seis colheitas. Quando os ramos laterais já estão muito altos em relação ao solo, o que proporeciona uma quantidade de ramos produtivos já mais ou menos reduzida, recape-se a planta a uns 50 cm do solo. Brótam numerosos ladrões, dos quais se escolhem três, para reformar o cafeeiro. As operações que se seguem são idênticas às já citadas.



Há fatores naturais que influem na produção dos *cafés de boa bebida*. Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto espontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

MELHORAMENTO DO CAFÉ ROBUSTA

A. Carvalho
Eng. agrônomo

O café Robusta vem fazendo forte concorrência ao café Arábica. Produzindo em vários países africanos e na Índia e em Java, encontra fácil mercado nos países europeus; por isso sua área de cultivo ampliou-se consideravelmente nestes últimos anos. E todo o café plantado, ao iniciar a safra, irá constituir-se em um competidor pelo mercado internacional, o qual é pouco elástico. Estão sendo desenvolvidos esforços para ampliação do mercado, mas as imensas plantações novas dêsse café na África indicam que a concorrência se fará mais acentuada quando entrarem em franca produção. É por este motivo que o preço do Arábica deverá ser de nível a não mais incentivar novos plantios do Robusta na África.

O café Robusta é mais barato que o Arábica. Neste particular há a considerar o abundante e barato braço operário africano, a rusticidade da espécie e, ainda, a sua alta produção, resultante em grande parte de longos anos de seleções realizadas principalmente em Java. Uma prova do progresso da seleção pode ser demonstrada no Congo Belga. As plantações de Robusta sem seleção dão, em média, 478 quilos de café beneficiado por hectare, enquanto plantações formadas com sementes colhidas em clones selecionados, dão 800 a 900 kg/ha e sementes oriundas de plantações policlonais, mais recentemente selecionadas, chegam a dar 1.200

kg/ha, havendo casos de até 1.400 kg/ha.

Do ponto-de-vista da seleção, há uma fundamental diferença entre o café Arábica e o Robusta. Enquanto o Arábica é auto-fertil e multiplica-se na natureza em larga escala por autofecundação das flores, o mesmo não acontece com o Robusta, que é auto-estéril e se multiplica por fecundação cruzada. Este fato torna mais difíceis os trabalhos de seleção do Robusta. Uma planta muito produtiva, em um cafézal, significa, neste caso, que está associada a uma outra que com ela combina bem, fornecendo-lhe pólen. O plantio isolado de enxertos ou estacas de uma dada planta resulta em um clone que praticamente nada produz, pois se trata de planta auto-estéril. O trabalho de seleção implica, pois, na escolha de plantas com características favoráveis e que, plantadas uma ao lado da outra, produzam bem e dêem híbridos também produtivos.

Os trabalhos de seleção, em Java, iniciaram-se em 1908, em três estações experimentais aí existentes: Estação Experimental Central e Oriental de Java, situada em Malangé, Estação Experimental de Besukie, em Djember e a Estação Experimental do Governo, em Bangelan. Foram feitas numerosas importações de Robusta da África, e as progênies detalhadamente estudadas, para escolher aquelas que deveriam entrar no plano de híbri-

dação. Encontradas as melhores combinações híbridas, os progenitores originais foram multiplicados vegetativamente para formação dos campos de pares de clones, a fim de aí se colherem sementes híbridas para formação de cafèzais. Foram feitos, também, estudos pormenorizados para verificar a que distância alcança o pólen do Robusta a fim de fixar-se o local de produção das sementes selecionadas. Neste particular chegou-se à conclusão de que deve ser mantida uma distância de 100 m entre o jardim produtor de sementes e outro qualquer plantio. Um plano bastante moderno, semelhante ao que se usa para o milho, isto é, com determinação da capacidade geral e específica de combinação havia sido planejado em Java antes da última guerra. Êsse trabalho foi, entretanto, perdido. Outros ensaios de comportamento regional das seleções também se perderam, embora fôsem de grande interêsse para a economia de Java. O Congo Belga aproveitou boa parte dos trabalhos realizados em Java, pois as sementes das melhores seleções foram para aí importadas a fim de serem estudadas em comparação com as seleções de material local. No Congo,

na Estação Experimental de Yagambi, realizam-se intensos trabalhos com o Robusta, o mesmo ocorrendo na Estação Experimental de Akandje, do Centro de Pesquisas Agronômicas de Bingerville, na África Equatorial Francesa. Em Uganda, foram realizadas seleções do material nativo, tendo-se separado dois tipos de plantas, um com hábito de crescimento aberto e outro erecto, o primeiro se mostrando bem mais produtivo.

Foram feitos vários híbridos entre o Robusta e o **Congensis**, obtendo-se alguns cafeeiros promissores que foram denominados **Conunga** ou **Congusta**. Foram também obtidos alguns híbridos de Robusta com Arábica, mas se mostraram estéreis. Em Campinas se fez um estudo particularmente valioso em híbridos de Robusta e Arábica, apesar de o Robusta ter pouca significação para S. Paulo.

A elevada produção do Robusta de hoje, a qual vem chamando a atenção, resultou, assim, de um longo e minucioso plano de melhoramento, inciado em Java e agora em prosseguimento nos centros de pesquisas cafeeiras dos países africanos.



Resumos e Transcrições

ADUBAÇÃO DO CAFEIEIRO

Em prosseguimento à publicação das conferências proferidas no Curso sobre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, realizado pelo Centro de Debates Agronômicos, da Sociedade Paulista de Agronomia, no mês de outubro do ano em curso, transcrevemos a segunda palestra, sobre o tema **ADUBAÇÃO DA LAVOURA CAFEIEIRA**, pronunciada pelo engenheiro-agrônomo Valter Lazzarini, chefe da Seção de Café do Instituto Agrônomo de Campinas.

O principal motivo de passarem as lavouras cafeeiras das altas produções iniciais aos baixos rendimentos atuais, em tempo mais ou menos rápido, deve-se, principalmente, ao esgotamento dos solos.

De acôrdo com análises feitas por R. Bolliger, em terras roxas virgens após 22 anos de cultura de café, há grande perda de elementos nutritivos do solo, como se verifica no quadro 1.

QUADRO I

Perda de elementos do solo após 22 anos de cultura cafeeira — Profundidade considerada 1,20 m

		Terra Virgem	Terra após 22 anos de cultura de café	Perdas em 22 anos %
Húmus	ha	252	153	39
N	Me/ha	995	498	50
PO ₄	"	785	496	37
K	"	224	17	93
Mg	"	595	94	85
Ca	"	2.249	448	80
PH	Médio	6,7	5,7	

Nesse período houve acentuação do consumo de potássio, cêrca de 93% do total. As cinzas dos grãos de café têm cêrca de 65% dêsse elemento, o que justifica a baixa produção dos cafêzais em terras velhas.

No estado de esgotamento atual dos solos que mais se prestam à cafeicultura, não se pode obter dêles colheitas elevadas e por essa razão deve ser considerada a terra, não como capaz de suprir as necessidades de nutrientes do cafeeiro, como anteriormente, e sim como área, lo-

cal onde são instaladas as plantas, cuja nutrição dependerá quase que exclusivamente dos adubos que lhes serão fornecidos e muito pouco de sua fertilidade natural, que foi muito reduzida. É necessário, por essa razão saber a quantidade e qualidade dos elementos nutritivos que devem ser fornecidos aos cafeeiros para obtenção de produções econômicas.

As plantas, em última análise, são compostas de: carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, cálcio, magnésio, fósforo, potássio, enxôfre,

ferro, boro, zinco, manganês, molibdênio, cobre e cloro.

O carbono, oxigênio e hidrogênio são retirados pela planta do ar e da água, e os outros elementos dos sais minerais existentes na terra. Estes elementos minerais, quando não existem no solo em quantidade suficiente, poderão ser adicionados a êle por meio de adubações orgânicas ou químicas.

ADUBAÇÃO ORGÂNICA

Até há pouco tempo acreditava-se na indispensabilidade de adubos orgânicos para a cultura do café e que não se poderia obter resultados acentuados com a adubação química exclusiva. Conquanto seja indiscutível o valor dos resíduos orgânicos para fertilização dos solos, fato êsse conhecido desde o início da agricultura, pelos lavradores primitivos, há 10.000 anos atrás, sob o ponto de vista econômico as adubações orgânicas não foram capazes de se estabelecer em nosso meio, e nem impediram que os cafêzais plantados em terras virgens deperecessem rapidamente, chegando em poucos anos à decrepitude verificada na maioria das lavouras do Estado de São Paulo. Não foram essas adubações capazes de reinstalar novas lavouras em terras velhas, em quantidades que pudessem ter qualquer expressão econômica para o nosso Estado ou nosso País.

Para fornecimento de elementos nutritivos às plantas, em determinadas circunstâncias, podem adquirir importância resíduos orgânicos como tortas oleaginosas, que chegam a ter 5 a 8% de N, resíduos de matadouro com 10 a 15% de N (farinha de carne, de sangue, de chifres, de cascos etc.). Outros

adubos orgânicos como palhas, esterco, guanos, compostos, lixo das cidades etc., podem ser interessantes para uso na adubação do cafeeiro, devendo-se, porém, ter em conta que quase sempre são antieconômicos, por terem pequena proporção de elementos úteis, são grandemente encarecidos por transporte, manuseio etc. O uso de adubos orgânicos deve ser restrito ao aproveitamento de resíduos de uma outra exploração, sendo dificilmente justificada uma organização com o fim especial de produção de adubos orgânicos.

Em algumas ocasiões há possibilidade de efetuar-se a adubação orgânica por preço razoável. O que deve nortear o lavrador, nesse caso, é o custo dos elementos N, P, K, contidos no adubo orgânico e se o preço fôr igual ao dos adubos minerais ou mesmo pouco mais elevado, então deve o lavrador adquirir o adubo orgânico que é de ótima qualidade. Deve ser, ainda, levado em conta que os resíduos orgânicos são portadores de boa qualidade de micronutrientes, necessários à vida das plantas e que muitas vezes têm faltado nos solos muito esgotados e os adubos químicos nem sempre possuem em quantidade necessária ou proporção conveniente. A disponibilidade de adubos orgânicos é quase sempre pequena, suficiente apenas para atender uma parte insignificante da lavoura cafeeira.

Com a exclusão das plantas hortícolas, o café era a cultura mais dependente desse tipo de adubação e que mais vinha resistindo à inversão da predominância da adubação orgânica sobre a química. Razões mais de ordem sentimental que científicas ou econômi-

cas eram os principais responsáveis pelo superior conceito das adubações orgânicas no meio de agricultores e mesmo entre técnicos.

A adubação mineral, conhecida alguns anos antes de Cristo, teve, porém, seu equacionamento científico a partir dos trabalhos de Liebig, na metade do século passado e vem ganhando terreno sobre a orgânica, podendo-se, hoje, medir o grau de adiantamento da agricultura de um país pela relação entre os dois tipos de adubação.

DADOS EXPERIMENTAIS

Todos os dados experimentais conhecidos até agora não só com o café, como com outras culturas, em nosso meio ou em outros, não provam a indispensabilidade do adubo orgânico e nem mesmo que ele seja superior ao químico, quando este é aplicado corretamente, conforme se verifica em trabalho de Fraga e Cognin, em Bragantia, vol. 15, n.º 17, de agosto de 1956 — Delineamentos e análises de experimentos com cafeeiros — que analisa os ensaios de adubação em andamento no Ins-

tituto Agrônomico e dos quais foram separados e calculados os dados que interessam a esta exposição, que são os seguintes:

QUADRO 2

Produção de café, em côco de três anos — alguns tratamentos do ensaio N P K E = 24, Ribeirão Preto

Tratamentos	Café em côco kg	%
Sem adubo	19,95	25
Só potássio	79,86	100
Só estêrco	88,95	112

QUADRO 3

Produção de café, em côco — ensaio de adubação do cafeeiro em Campinas — Média de 14 colheitas

Tratamentos	Sacos por 1.000 pés	%
Sem adubo	23	41
Estêrco	47	83
Dose grande de potássio	56	100
Estêrco + adub. química	62	109

QUADRO 4

Ensaio de adubação do cafeeiro em Pindorama. Produção da série orgânica + adubação química

TRATAMENTOS	PRODUÇÃO DE CAFÉ EM CÔCO		
	Total kg	Sacos por 1.000 pés	
Sem adubo (T)	2.223	18,5	100
Adubação química	2.694	22,5	121
Estêrco + adubação química	3.988	25,7	139

Posteriormente, em plano experimental de demonstração em que tomaram parte técnicos do Departamento da Produção Vegetal e do Instituto Agrônomico, foram conduzidos 45 experimentos, sendo 24 em

terra arenosa, 10 em roxa legítima, 7 em roxa misturada e 4 em massapé-salmourão, cobrindo tôdas as regiões cafeeiras do Est. de S. Paulo, cujos resultados foram publicados

por Penteado, Parreira e Chebabi, em **Ensaio de Campo de Adubação do Cafeeiro**. Foi constatado que na primeira colheita não houve diferen-

ça significativa entre os tratamentos, porém, no segundo ano, os resultados médios foram os constantes do quadro 5: -

QUADRO 5

Resultado da segunda produção de 45 ensaios comparativos entre adubação orgânica e química no Estado de São Paulo

TRATAMENTOS	PRODUÇÃO DE CAFÉ BENEFICIADO		
	Por 1.000 pés	Hectare	Relativa
	Arrôbas	kg	%
Testemunha	106	1.586	100
Químico	121	1.810	115
Estêrco	142	2.156	135
Estêrco + Químico	152	2.298	144

As quantidades de adubos usados foram 40 litros de estêrco ou 200 — 150 — 200 g de NPK, conforme recomendações oficiais.

Verifica-se efeito superior da adubação química sobre a orgânica, comprovando os resultados anteriores.

Existem atualmente inúmeras lavouras que vêm usando a adubação química como base, com ótimo desenvolvimento e produções comparáveis às melhores existentes em terras novas e com resultados muito melhores aos obtidos antigamente, quando a adubação orgânica era tida como essencial.

Dada a impossibilidade de se efetuar economicamente a adubação orgânica generalizada e pelos conhecimentos sobre a adubação química, a Seção de Café do Instituto Agrônomo, em comunicado de 15 de abril de 1958, estabeleceu novos conceitos sobre a adubação do cafeeiro, que são os seguintes:

1.º) Julgamos que, do ponto de vista agrônomo e considerando

em primeiro lugar, a parte econômica, deve ser modificado o conceito essencial, até há pouco tempo, de que a adubação básica para o café devia ser a orgânica completada pela adubação química. Este conceito, em nossa opinião, deve ser modificado para: A ADUBAÇÃO BÁSICA PARA O CAFEIEIRO DEVE SER MINERAL OU QUÍMICA, PODENDO SER COMPLEMENTADA PELA ORGÂNICA.

2.º) É possível, hoje, com a moderna técnica, manter uma lavoura cafeeira altamente produtiva com o emprêgo de adubos minerais, sem o uso de adubação orgânica.

3.º) A Seção de Café, conhece o valor do estêrco como adubo, fato êsse também sabido por todos os lavradores e já era conhecido pelos povos antigos, porém, adota a corrente de pensamento que atribui ao estêrco o valor correspondente ao dos elementos minerais existentes em sua composição e que interessam à economia das plantas.

4.º) Esta Seção julga que não se justifica, sob o ponto-de-vista econômico, a instalação de um empreendimento pecuário com o fim principal de obter estêrco para a adubação do cafeeiro, porém, quando o lavrador tem uma exploração pecuária econômica em si, deve aproveitar o estêrco para a adubação do café ou de qualquer outra cultura.

QUANTIDADE DE ADUBOS POR CAFEEIRO

Baseados nos atuais conhecimentos agronômicos do cafeeiro, a Seção de Café do Instituto Agrônômico, estabeleceu as quantidades básicas que devem ser fornecidas

aos cafeeiros, para os três tipos de solo mais comuns do Estado de São Paulo, desde o plantio até que entrem em franca produção.

Para o estabelecimento das fórmulas de adubação levou-se em consideração, primeiramente, as quantidades de elementos minerais necessários para a formação da planta e para a produção dos frutos, que de acôrdo com os dados de Catani e Moraes, em **A Composição Química do Cafeeiro** (Revista da Agricultura, março de 1958, Piracicaba), para a formação de um cafeeiro de 5 anos de idade e a produção calculada de 100 sacos de café em côco, por mil pés, a retirada de elementos do solo é a constante do quadro 6:

QUADRO 6

Elementos minerais acumulados em 1 cafeeiro de 5 anos de idade e nos frutos de um cafeeiro capaz de produzir a média de 100 sacos, em côco, por 1.000 pés

ANÁLISE	N	P ₂ O ₅	K ₂ O	CaO	MgO
	g	g	g	g	g
Planta (raízes, tronco, ramos e folhas) ..	84	11	79	72	18
Frutos (café em côco)	68	10	86	11	11

A determinação dos elementos da planta foi feita em cafeeiro da variedade Bourbon, com apenas 5 anos de idade, podendo-se supor que, em árvore mais velha e da variedade Mundo Novo — que é mais desenvolvida — a quantidade de nutrientes necessários para a formação das plantas possa ser maior que as constantes do quadro 6.

Além da quantidade de elementos minerais necessários para a formação da planta e retirados pelas colheitas, para o estabelecimento das fórmulas básicas de adubação, considerou-se ainda a maior ou me-

nor possibilidade de perdas eventuais de nutrientes por parte dos diversos tipos de solo, a reação específica de cada tipo de solo a cada um dos elementos analisados, os dados experimentais já existentes, a necessidade de estabelecer o menor número possível de fórmulas de adubação e também a possibilidade de, em certas condições, ser a fórmula recomendada para um tipo de solo, usada em outro.

De um modo geral, para os novos cafêzais devem ser obedecidos os esquemas de adubação seguintes:

Nas covas do plantio devem ser colocadas 200 a 300 gramas de fosfato natural (fosforita, farinha de ossos etc.), mais 150 a 250 gramas de superfosfato e 50 a 100 gramas de cloreto de potássio. No caso de plantio em sulcos contínuos, cada 2 metros de sulco receberá o dôbro da quantidade de fósforo e, aproximadamente, 200 gramas de cloreto de potássio.

Um mês após o plantio e durante o primeiro ano serão aplicados, em cobertura e parceladamente, em cinco vêzes, 25 gramas de nitrocálcio, ou equivalente, por vez.

No segundo ano, também em cobertura e parceladamente, em cinco vêzes, cerca de 40 a 80 gramas de nitrocálcio e 15 a 30 gramas de cloreto de potássio, ou outros adubos equivalentes, por vez.

A partir do terceiro ano, será seguido o esquema de adubação para produção, de acôrdo com o tipo de solo e o estado da lavoura, conforme o quadro seguinte:

QUADRO 7

Adubação básica anual para o cafeeiro capaz de produzir 2,5 kg. de café beneficiado, ou 100 sacos, em côco, por 1.000 pés

Tipo de terra	N	P2O5	K2O
	g	g	g
Arenosa	200	100	150
Roxa	150	100	200
Massapé	150	100	150

A quantidade indicada de elementos será proporcionalmente maior ou menor, de acôrdo com a produção esperada.

Deverá ser feita modificação da proporção dos elementos minerais quando as plantas estiverem em

situação deficiente de enfolhamento ou produção.

Dado o elevado consumo de elementos NPK, e das condições da existência dos mesmos nos solos, as adubações se têm cingido apenas a êsses três elementos e só esporadicamente, têm sido recomendados outros. Isso também é feito porque, quando se faz uma adubação de NPK, estão sendo levados às plantas outros nutrientes como cálcio, magnésio, enxôfre, ferro e microelementos, que quase sempre acompanham os adubos minerais.

Para as terras arenosas, onde o nitrogênio reage melhor e há possibilidade de perdas maiores, êle em maior proporção do que nas terras roxas, onde é o potássio o elemento que parece estar em mínimo para o café. O fósforo está em maior proporção nas terras massapés, porque é o único tipo de solo onde foram obtidas, até há pouco tempo, reação dêsse elemento para o café.

Quando, no entanto, em terra roxa a lavoura estiver muito desfolhada, indicando claramente que não poderá produzir muito, dever-se-á usar fórmula indicada para as terras arenosas, onde há maior proporção de nitrogênio, principal elemento na formação das folhas. Do mesmo modo, se uma lavoura em terras arenosas, estiver abundantemente enfolhada com pequena produtividade, pode usar-se uma fórmula de adubação indicada para terras roxas, que tem maior proporção de potássio, que é mais exigido para a formação dos frutos.

A quantidade de fósforo existente nas fórmulas é muito superior ao consumo dêsse elemento pela formação da planta, dos frutos ou perdas eventuais. O motivo dêsse ex-

cesso é ser o fósforo fortemente retido nas terras roxas e apenas cerca de 10% aproveitado pelas plantas. Não foi diminuída a quantidade de fósforo nas fórmulas indicadas para as outras terras, onde não é o mesmo tão fortemente retido, pela razão já citada de se fazer pequeno número de fórmulas de adubação, para poder usar-se uma em substituição a outra, quando conveniente, e também porque nos fosfatos existe cálcio, que é grandemente consumido pelas plantas e microelementos, cuja necessidade já é bem conhecida. Deve ser ainda considerado que, por ser o preço dos fosfatos relativamente baixo, a economia que se obteria por diminuir a sua quantidade nas fórmulas talvez desaparecesse pela necessidade das firmas de adubos precisarem manusear maior número de misturas para atenderem os casos mais variados. Deve supor-se que quando o adiantamento técnico da cafeicultura fôr grande, deverão ser usadas fórmulas de adubação preparadas pelas indústrias especializadas no assunto, em vez de serem feitas as misturas nas fazendas, como atualmente é comum.

QUALIDADE DOS ADUBOS

Para a composição das fórmulas da adubação recomendada, não existem dados experimentais que indiquem quais os adubos a serem selecionados. Por essa razão, a escolha dependerá de diversos fatores, entre os quais, o preço dos elementos úteis existentes nos adubos tem papel preponderante.

Os adubos simples nitrogenados, fosfatados e potássicos mais comumente encontrados no mercado e que deverão ser usados pelos la-

vadores brasileiros, para composição de suas fórmulas, são os seguintes:

ADUBOS NITROGENADOS

NITROCÁLCIO: subproduto da indústria do petróleo, constituído por nitrato de amônio, misturado com calcário moído. Tem 20,5% de nitrogênio, metade na forma nítrica e metade amoniacal e, aproximadamente, 14% de Ca e 8% de Mg, além de micronutrientes. É adubo muito bom, especialmente para as terras ácidas. O seu maior inconveniente é ser bastante higroscópico.

SALITRE DO CHILE: é o nitrato de sódio, natural, com todo o nitrogênio na forma nítrica, muito facilmente aproveitável pelas plantas. O principal inconveniente é a menor concentração do elemento útil, nitrogênio com 15,5%, sendo o resto constituído por sódio que não é aproveitado pelo café. Esse adubo possui, também, micronutrientes.

SALITRE POTÁSSICO: é de constituição semelhante ao salitre do Chile, porém, é nitrato de potássio, do qual as plantas aproveitam o nitrogênio e potássio. Possui também micronutrientes. É produto altamente solúvel em água e dadas as proporções existentes entre o nitrogênio e o potássio, cerca de 15 e 14%, respectivamente, muito próximo das necessidades para os cafeeiros, esse adubo poderia ser usado na forma simples, sem ser misturado a outro, o que tornaria mais econômica a adubação, pois que o ato de misturar os adubos chega a custar 10% do preço da fórmula. Poder-se-ia aplicar a adubação fosfatada em uma única vez

e o salitre potássico em 5 vezes, como é recomendado.

SULFATO DE AMÔNIO: é um adubo que tem 20,5% de nitrogênio amoniacal, também rapidamente aproveitado pelo cafeeiro. Contém cerca de 24% de enxôfre. Este elemento é consumido grandemente pelo cafeeiro e em algumas zonas há falta dele no solo, sendo então indicado o sulfato de amônio, quando não se supre a falta de enxôfre por outros meios mais econômicos.

URÉIA: é produto sintético, com cerca de 45% de nitrogênio na forma amídica, que se transforma rapidamente em nítrica. A principal vantagem desse adubo é sua alta concentração em nitrogênio, recomendando-se especialmente para as regiões distantes da fonte de produção, onde o custo do transporte se torna considerável.

Além dos citados adubos nitrogenados existem outros como sulfo-nitrato de amônio, nitrato da Noruega, nitrato de amônio, calcio-cianamida etc., que são bastante usados em outros países, porém, no momento, de restrita importância para nossas condições.

ADUBOS FOSFATADOS

Os experimentos levados a efeito em nosso país, até há pouco tempo, mostravam muito pequena ação dos adubos fosfatados sobre o cafeeiro e mesmo muitos casos de efeitos nulos foram observados. Contudo, como se conhece a ação do fósforo nas plantas e a pequena disponibilidade desse elemento nos solos, são normalmente recomendadas as adubações fosfatadas para o cafeeiro.

Entré os diversos fosfatos existentes não se conhece ainda a su-

perioridade de um sobre o outro, de forma que a sua escolha dependerá de outros fatores, principalmente preço e solubilidade.

Os fosfatos possuem, além de fósforo e cálcio em grande quantidade, ainda boa porção de micronutrientes.

Os principais fosfatos em disponibilidade para a nossa cafeicultura são os seguintes:

FOSFATO DE OLINDA: É um fosfato natural, de origem sedimentar, proveniente de organismos marinhos. Tem, em média, 30% P_2O_5 total, e cerca de 8% solúvel em citrato de amônio. Tem, aproximadamente, 48% de CaO e micronutrientes. Esse é um produto que, pelas suas qualidades e preço, se torna muito recomendado para a adubação do cafeeiro.

Existem fosfatos semelhantes produzidos em outros países.

SUPERFOSFATO SIMPLES: É produto de tratamento de fosfatos naturais pelo ácido sulfúrico. Tem cerca de 20% P_2O_5 , 24% de CaO, 10% de S, além de micronutrientes. É solúvel em água, de efeito rápido para as culturas, tendo ainda como grande vantagem, sua riqueza em enxôfre, que o indica para as terras deficientes desse elemento.

SUPERFOSFATO TRIPLO: É um produto resultante de tratamento dos fosfatos naturais pelo ácido sulfúrico. É muito rico em fósforo, cerca de 46%, totalmente solúvel em água. Além de fósforo possui 18% de cálcio e micronutrientes. É ótimo adubo, facilmente aproveitável pelas plantas, com a vantagem de sua grande concentração de P_2O_5 , o que o torna mais recomendável

para os locais distantes da fonte de produção.

FOSFATO BICÁLCICO: É obtido por tratamento de fosfatos tricálcicos com HCL, o que torna o fósforo mais solúvel. Tem, aproximadamente, de 40% de P_2O_5 e 32% de CaO e também micronutrientes. Dada a grande concentração de fósforo e boa solubilidade, intermediária entre os superfosfatos e fosfatos tricálcicos, pode ser considerado ótimo adubo.

FARINHA DE OSSOS: Tem cerca de 25% de P_2O_5 , solúvel em ácido cítrico a 2% 40% de CaO, 2 a 5% de N, e micronutrientes. Dada a pequena disponibilidade desse material pode ter importância apenas circunstancialmente.

Alguns resíduos orgânicos, como farinha de peixes, de chifres, de cascos, guanos fosfatados, podem oferecer oportunidade de uso interessante para grupo restrito de lavradores.

ADUBOS POTÁSSICOS

CLORETO DE POTÁSSIO: O cloreto de potássio, com 60% de K_2O , totalmente solúvel na água, atende plenamente às exigências do cafeeiro e é o adubo dessa categoria de menor preço e de uso mais generalizado, não só em nosso meio, como, praticamente, em todo o mundo.

SULFATO DE POTÁSSIO: Tem cerca de 50% de K_2O e 18% de enxôfre. É de preço mais elevado e uso menos generalizado que o cloreto. O seu emprêgo tem sido restrito para culturas que não se dão bem com o cloreto de potássio e só, circunstancialmente, pode ser usado para o café.

CARBONATO DE POTÁSSIO: Constituído por cinzas de diversos, produtos, de composição muito va-

riável, comumente entre 5 e 30% de K_2O . Possui também os outros elementos encontrados nas plantas, com exceção dos que se perdem com o fogo (nitrogênio).

Em certas ocasiões, as cinzas de produtos agrícolas, mesmo de café, têm servido como adubo potássico, porém, só acidentalmente pode ocorrer esse fato.

CALCÁRIO: Normalmente, quando se faz adubação fosfatada, leva-se suficiente quantidade de cálcio para alimentação do cafeeiro. Também o nitrocálcio supre as plantas desse elemento e de magnésio. Porém, em muitas ocasiões, quando o solo é excessivamente ácido, pH abaixo de 5, ou quando aparecem sintomas de falta de cálcio ou principalmente de magnésio, o que se está tornando muito comum, é conveniente a aplicação de 2 a 3 kg de calcário dolomítico por cafeeiro, que corrige a falta por vários anos.

O calcário comum tem 50% de cálcio e 4% de magnésio, ao passo que o calcário dolomítico tem 30% e 18% respectivamente, devendo, êste ser preferido para os casos de deficiência de magnésio no solo.

ENXÔFRE: Últimamente tem aparecido deficiência de enxôfre em terras muito esgotadas, especialmente em arenito. Quando isso ocorre é conveniente usar nas adubações normais o superfosfato simples ou sulfato de amônio, que proporcionam quantidade suficiente de enxôfre às plantas. No caso de não ser usado um desses adubos pode aplicar-se de 50 a 200 gramas de gesso, dependendo do porte do cafeeiro e do grau de deficiência do solo.

MICRONUTRIENTES: As deficiências de micronutrientes mais

comumente observadas são as relativas ao zinco, que, em certas lavou-
ras, tomam aspecto muito severo.
Quando isso ocorre por falta de zin-
co no solo e por esse elemento não
acompanhar os adubos empregados
em proporção eficiente, torna-se ne-
cessário o uso de pulverizações com
sulfato de zinco a 0,6%, que fácil-
mente corrige a deficiência.

A deficiência de outros micro-
nutrientes tem aparecido, em cará-
ter menos grave, e está sendo objeto
de estudos.

O quadro 8 mostra os adubos
mais facilmente encontrados em
nosso meio com as porcentagens
aproximadas de microelementos
úteis às plantas:

QUADRO 8

Quantidade aproximada de elementos minerais úteis existentes nos principais adubos comerciais

ADUBOS	N %	P2O5 %	K2O %	CaO %	MgO %	S %	Microele- mentos
NITROGENADOS							
Nitrocálcio	20	—	—	14	6	—	Sim
Salitre do Chile	16	—	—	—	—	—	Sim
Salitre potássico	14	—	12	—	—	—	Sim
Sulfato de amônio	23	—	—	—	—	23	Não
Uréia	46	—	—	—	—	—	Não
Sulfonitrato de amônio	23	—	—	—	—	15	Não
Calcicocianamida	21	—	—	57	—	—	Sim
Nitrato de amônio	33	—	—	—	—	—	Não
FOSFATADOS							
Superfosfato simples	—	20	—	24	—	10	Sim
Superfosfato duplo ou triplo	—	46	—	18	—	—	Sim
Fosfato bicálcico	—	40	—	32	—	—	Sim
Farinha de ossos	3	26	—	40	—	—	Sim
Hiperfosfato	—	28	—	48	—	—	Sim
Fosforita de Olinda	—	30	—	48	—	—	Sim
Termofosfato	—	20	—	30	—	—	Sim
Escória de Thômas	—	17	—	50	—	—	Sim
POTÁSSICOS							
Cloreto de potássio	—	—	60	—	—	—	Sim
Sulfato de potássio	—	—	50	—	—	18	Sim
OUTROS ADUBOS							
Calcário	—	—	—	50	4	—	Sim
Calcário dolomítico	—	—	—	30	18	—	Sim
Gesso	—	—	—	30	—	18	Sim
Bórax	—	—	—	—	—	—	11% Bo
Ácido bórico	—	—	—	—	—	—	18% Bo

MODO E ÉPOCA DE ADUBAR

Com exceção da adubação nas covas de plantio, os adubos químicos devem ser distribuídos em cobertura, à volta do cafeeiro, com a terra molhada, parceladamente, 4 vezes por ano, na época das chuvas, e mais 1 vez no período das secas, quando chover.

Os meses que devem ser tomados por base para as adubações são: outubro, dezembro, fevereiro, abril e julho.

Os adubos nitrogenados, fosfatados e potássicos, podem ser misturados, quando não haja incompatibilidade entre eles, e assim aplicados nas 5 épocas recomendadas.

Se houver dificuldades para efetuar o caldeamento nas proporções indicadas, pode misturar-se a metade da quantidade anual de fósforo e potássio com um quinto do nitrogênio recomendado. Essa mistura será aplicada em duas vezes — outubro e fevereiro — e o restante do nitrogênio, sozinho, nos outros três meses — dezembro, abril e julho.

Pode misturar-se, também, somente fósforo e potássio e aplicar em uma ou duas vezes, e o nitrogênio separado, nas 5 épocas indicadas.

No caso de usar o salitre potássico, poderá ser o fósforo aplicado uma única vez e o nitrato de potássio em 5 vezes.

Os adubos orgânicos serão esparados em cobertura, preferivelmente debaixo da saia do cafeeiro, logo após a colheita, em uma única vez.

Esses sistemas de adubação, conquanto sejam os indicados pelos atuais conhecimentos, necessitam

ainda de experimentação agrônômica para determinar com mais segurança o modo a proceder.

RAZÕES DE INSUCESSOS DA ADUBAÇÃO QUÍMICA

Muitas vezes tem sido usado adubo químico para o café e os resultados não são os esperados. As principais razões dêsse fato se prendem ao uso de adubos não indicados ou em quantidades insuficientes ou excessivas ou em forma ou épocas não apropriadas. Pode ocorrer também que com a aplicação dos adubos normalmente indicados, isto é, uma fórmula em que entre NPK em solo que tenha deficiência de enxôfre, boro, zinco ou outros micronutrientes, não presentes nos adubos, a sua ação fica muito prejudicada e, às vezes, totalmente inutilizada.

E' indispensável o parcelamento dos adubos nitrogenados, em várias vezes por ano, no período das chuvas e quando êsses adubos são aplicados em uma única vez, têm efeito muito pequeno e, às vezes, nulo.

Quando as plantas são muito velhas e decrépitas, embora o adubo tenha bom efeito sobre o seu estado vegetativo e produção relativa, nas atuais condições de preços dos adubos e do café, dificilmente a adubação será econômica.

Nas terras muito declivosas, sem perfeito combate à erosão, podem ocorrer perdas sensíveis dos adubos, impedindo reação que seriam capazes de proporcionar aos cafeeiros.

A adubação química é uma prática evoluída da agricultura, embora seja muito dispendiosa em relação aos gastos da cultura cafeeira é, no entanto, de efeito extraordinário.

rio, acreditando-se mesmo que, dentro de poucos anos, será possível fazer-se cafeicultura econômica nas regiões mais indicadas do país, sem uma adubação química corretamente orientada.

Por essa razão, é indispensável que os lavradores de café mantenham cada vez mais contado com os agrônomos, para evitar gastos inúteis, grandes fracassos e mesmo prejuízos irreparáveis às suas lavouras.



CIENTISTAS BRASILEIROS EM REUNIÃO INTERNACIONAL DA FAO

Realizou-se em Abidjan, capital da Costa do Marfim, em fins de outubro último, a Primeira Reunião Técnica da FAO Sobre Produção de Café, durante a qual foram estudados e debatidos os principais problemas relacionados com a cafeicultura nos diversos países produtores. Apesar de não ter comparecido a essa reunião a delegação brasileira, foram apresentadas, por intermédio do sr. A. C. Krug, assessor-agrícola do Eseritório Regional da FAO no Rio de Janeiro, importantes contribuições científicas de especialistas de nosso país, merecendo especial relevo os trabalhos dos engenheiros-agrônomos Alcides de Carvalho, Coaraci de Moraes Franco e Constantino Fraga Júnior, todos do Instituto Agrônomo de Campinas.

CONTRIBUIÇÃO DE TÉCNICOS BRASILEIROS

O trabalho de autoria do sr. Alcides de Carvalho sobre o melhoramento genético do cafeeiro conduziu a amplos debates, tendo recomendado: a) a necessidade de ampliar tais estudos nas demais Estações Experimentais de café no mundo; b) a urgência de proceder ao colecionamento de tipos de selvagens de *Coffea* nas regiões onde ocorrem em estado nativo, e c) a conveniência do estabelecimento de coleções mundiais de germoplasma de café em pontos estratégicos nos Trópicos. O sr. Coaraci Moraes Franco versou sobre: a) a natureza dos solos exigidos pelo cafeeiro b) desenvolvimento radicular da planta; c) o papel dos elementos menores na produção.

Coube ao sr. A. C. Krug, pelos seus conhecimentos diretos da cafeicultura brasileira, fazer uma detalhada exposição das pesquisas e métodos experimentais em andamento em nosso país, o qual acentuou, alia sua posição de maior produtor mundial da rubiácea à experimentação cafeeira mais adiantada do mundo.

PARTICIPANTES

Participaram da 1.ª Reunião Técnica Internacional sobre Produção de Café, promovida pela FAO na Costa do Marfim, 55 delegações de 16 países (Colômbia, Federação da Rodésia e de Nyassaland, França, Ghana, Índia, Libéria, Holanda, Nova Zelândia, Portugal República do Camerum, República Central Africana, Congo, Costa do Marfim, Guiné e Madagascar, bem como do Reino Unido, além de 8 observadores, respectivamente, da Bélgica, Canadá, Índia, Camerum, Gabon, Ruanda Urundi e dos Estados Unidos da América e 7 representantes de outras instituições. A orientação técnica dos trabalhos coube ao sr. A. B. Fagundes, do Ministério da Agricultura do Brasil, e ao sr. A. C. Krug, ambos do Eseritório da FAO no Rio.



SAFRA DE CAFÉ NO PARANÁ, EM 1961

J. G. ORSINI

A situação das lavouras de café do Paraná, nas principais áreas produtoras, mostra-se bastante variada, indo desde o péssimo até o ótimo. Essa diversificação resulta de três fatores básicos, que devem ser encarados conjuntamente para a interpretação de cada caso concreto: a idade dos cafèzais, a natureza do solo e as condições climáticas.

FATORES CONDICIONANTES

Sob o primeiro aspecto, pode estabelecer-se “grosso modo” um zoneamento de acôrdo com a época de desbravamento das várias regiões cafeeiras, do que resultaria a classificação corrente em: Norte Velho (das fronteiras de São Paulo até o rio Tibagi), Norte Novo (do Tibagi até aproximadamente a região de Maringá) e Norte Novíssimo (daí para diante), além do que agora se chama o Norte Supernovíssimo (área de ocupação recentíssima, de Umuarama para o oeste e sudoeste, na direção do vale do Piqueri). A importância deste critério na análise das condições atuais da cafeicultura paranaense é evidente, pois o maior ou menor vigor natural das plantas explica em grande parte sua resistência ou sua decrepitude, em face das adversidades climáticas e sua capacidade de recuperação após uma safra excepcional como foi a de 1959. Há a considerar também o aspecto da chegada à fase de produção dos cafeeiros de plantio mais recente, que

em anos anteriores ainda não pesavam nas estatísticas da colheita.

Outro critério fundamental a ser considerado é o da natureza do solo, visto que num período de seca intensa como a que se registra em várias áreas do Paraná, a capacidade de retenção de água nas camadas alcançadas pelo sistema radicular das plantas pode ter uma influência decisiva para a sobrevivência ou ritmo de recuperação dos cafèzais. Sob este aspecto, pode-se estabelecer, em grandes linhas, a distinção entre as zonas de terra roxa e as duas grandes áreas de terra arenosa: a primeira destas representada pela metade da zona velha mais próxima das fronteiras paulistas e que se apresenta como uma cunha que se introduzisse de São Paulo ao Paraná, a partir da região sul de Ourinhos e, no outro extremo, de Itararé, tomando o sentido sudoeste e tendo como pontos limítrofes de referência, em território paranaense, as zonas ao sul de Jacarézinho, de Ventania e de Ja-

guariaiva; e a segunda região arenosa começando no Norte Novo próximo ao Paranapanema para ir-se alargando para o oeste, à maneira de leque, passando ao norte de Maringá e indo atingir o vale do Piqueri.

Relativamente às condições climáticas, indicam que o Norte Velho e a área arenosa do Norte Novo têm experimentado uma das secas mais severas dos últimos tempos. Já na outra parte do Norte Novo (incluindo Londrina, Rolândia, Apucarana, Mandaguari e Marialva) a seca não tem sido tão forte, registrando-se chuvas periódicas, embora em escala bem menos freqüente que habitualmente. Finalmente, na região Novíssima e Supernovíssima, à medida que se caminha de Maringá para oeste, as chuvas têm sido mais freqüentes e até mesmo abundantes. Em compensação, estas últimas regiões foram mais castigadas pelo frio, a ponto de no vale do Piqueri terem sido queimados pela geada cerca de 20 milhões de cafeeiros. Ainda em princípios deste mês uma forte onda de frio atingiu quase todas as zonas cafeeiras do Paraná. Igualmente, do Norte Novo para diante, os ventos fortes e continuados têm feito sentir seus efeitos danosos sobre os cafeeiros, que, ao serem assim balançados intermitentemente têm dificultada a sua recuperação da grande "cargá" de 1959.

POTENCIALIDADE PRODUTORA DO PARANÁ

À luz desses fatos, torna-se mais fácil compreender a situação observada nas lavouras das principais regiões cafeeiras do Paraná. O abandono, o arrancamento, o cultivo intercalar de plantas anuais e o próprio comércio de lenha de café atingem na região arenosa do Norte Novo e principalmente no Norte Velho escala comparável à das regiões paulistas que, sob esse aspecto, se encontram em piores condições. Já na maior parte do Norte Novo a situação se poderia considerar, de modo geral, de sofrível para boa, com as lavouras regularmente enfolhadas e abotoamento pelo menos aceitável, embora na eventualidade de persistência de condições climáticas adversas as coisas possam tornar-se bastante desfavoráveis. Finalmente, a situação, sem ser ótima, é bastante prometedora nas zonas Novíssima e Supernovíssima, mormente além do rio Ivaí. Observe-se, porém, que em todas as áreas as floradas de agosto e setembro, de modo geral, foram perdidas e tudo dependerá de que as boas chuvas, que já se registram nas duas últimas zonas mencionadas, generalizem-se pelas regiões cafeeiras a fim de que possa vingar a florada de outubro.

Para que se tenha uma idéia mais fundamentada sobre as possibilidades de produção do Paraná, poder-se-á recorrer ao quadro abai-

xo, elaborado à base de dados fornecidos pela agência do IBC em Londrina. A região cafeeira do Paraná aí aparece dividida em vários setores, indicando-se para cada um o número de cafeeiros existentes e uma classificação empírica dos tipos de solos, bem como a estimativa da produção efetiva de 1959-60

(obtida esta última pela relação entre a colheita global e o número e capacidade produtiva média de cafeeiros, visto que o simples registro no IBC, que também consta do quadro, é normalmente distorcido pelas conveniências comerciais que deslocam o produto de uma para outra região).

Regiões	SOLO			Milhares de Cafeeiros		PRODUÇÃO (Milhares de sacas de 1959-60)	
	Roxo	Arenoso	Novos	Em produção	Total	Registro Efetivo (Inclusive desmat.)	
VELHO:							
Jacarêzinho	50%	50%	10.220	76.941	87.161	1.213	1.244
Cornélio Proença	20%	80%	7.256	95.747	103.003	2.487	2.534
NOVO:							
Londrina	75%	25%	9.450	149.500	158.950	6.682	3.500
Apucarana	70%	30%	35.590	198.075	233.665	3.737	5.763
NOVISSIMO:							
Paranavaí	20%	80%	63.320	218.178	281.498	2.679	2.740
Maringá	65%	35%	83.700	191.500	257.200	3.533	4.898
SUPERNOVISSIMO	20%	80%	8.750	4.950	13.700	—	270
				218.986	984.691	1.135.677	19.931

15 MILHÕES DE SACAS EM 1961?

Considerando-se esses dados sobre a potencialidade produtora do Paraná e sobre as condições de fato imperantes em suas lavouras, os cálculos globais que se fazem para a próxima safra (colheita de 1961) indicam uma produção maior do que este ano, mas bem inferior à de 1959.

No presente ano (safra de 1960-61), a colheita está sendo estimada em torno de 8 milhões, o que se explicaria principalmente pelo ressentimento das plantas após a produção de 20,5 milhões de sacas no ano passado (safra de 1959-60).

Para 1961 (safra de 1961-62), porém, o relativo descanso dos cafeais neste ano e a entrada em produção de novas lavouras não compensariam a decadência das plantações velhas (muito exigidas pela grande "carga" de 1959) e a seca e os ventos frios que afetaram a maior parte da zona produtora. Assim sendo, mesmo na hipótese de melhoria das condições climáticas, que permitam vingar as floradas de outubro, não se admite que a produção do próximo ano (safra de 1961-62) possa ir além de 15 milhões de sacas. (Fôlha de S. Paulo 2/10-1960)

ATOS OFICIAIS

DECRETO N.º 37.457, DE 3 DE NOVEMBRO DE 1960

Dispõe sobre a abertura de um crédito suplementar de Cr\$ 900.000,00 no Instituto de Café do Estado de São Paulo, administrado pela Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1.º — Fica aberto no Instituto de Café do Estado de São Paulo, administrado pela Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda, nos termos do artigo 6.º, do Decreto-Lei n. 12.281, de 29 de novembro de 1941, um crédito de Cr\$ 900.000,00 (novecentos mil cruzeiros), suplementar às dotações abaixo discriminadas do orçamento aprovado pelo Decreto n.º 36.142, de 5 de janeiro de 1960, a saber:

PARTE II

DESPESA GERAL Serviços Administrativos

PARÁGRAFO 3.º Administração Imobiliária

Administração de próprios de propriedade do Instituto de
Café do Estado de São Paulo

VERBA N.º 4

Material e Serviços

	Cr\$
8.09.3 3 Material de Consumo	
34 Vestiários e Dormitórios	
342 Uniformes e fardamentos	300.000,00
8.09.4 4 Despesas Diversas	
41 Utilidades Contratuais	
410 Gás, telefone e energia elétrica	600.000,00
Soma da verba n.º 4	900.000,00
Total das Suplementações	900.000,00

Parágrafo único — O valor do presente crédito será coberto com os recursos provenientes do excesso de arrecadação na rubrica 4-1 do orçamento aprovado pelo Decreto supra citado, verificado neste exercício.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 3 de novembro de 1960.

CARLOS ALBERTO A. DE CARVALHO PINTO

Francisco de Paula Vicente de Azevedo

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 3 de novembro de 1960.

João de Siqueira Campos

Diretor Geral, Substituto.

(Diário Oficial — S. Paulo — 4-11-960)

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

RESOLUÇÃO N.º 179

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, tendo em vista que, pela Resolução n.º 15, aprovada em 26 de setembro último, a Junta Diretora do Convênio Internacional do Café ampliou a lista de "Mercados Novos", nela incluindo os seguintes países: África do Sul, doeste, Arábia Saudita, Bahrein, Basutolândia, Bachuanalândia, Federação de Rodésia e Niassalândia, Jordânia, Kuwait, Muscat e Oman, Quatar, Somália, Sudan, Suazilândia e União Sul-Africana.

RESOLVE: estender aos citados mercados o disposto na RESOLUÇÃO n.º 153, de 7 de dezembro de 1959, devendo, portanto, as sacas de café embarcadas, diretamente ou não, com destino aos países supramencionados, receber como sobremarca, além das marcas e contramarcas usuais, um carimbo com as letras "MN".

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1960

ADOLPHO BECKER

Presidente, interino

COMUNICADO N.º 60/123

1. De conformidade com o determinado no Artigo 1.º combinado com o Artigo 22, da Resolução n.º 163 de 14 de junho de 1960, o café da quota de consumo interno será vendido às indústrias de torrefações e moagens de café em todo o país ao preço de (Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) por saca de 60,5 (sessenta e meio) quilos brutos, produto ensacado, pôsto no armazém do entregador.

2. Em consequência, a partir do dia 7 de novembro próximo inclusive, os preços máximos para o varejista e o consumidor serão respectivamente de (Cr\$ 48,00 e Cr\$ 56,00 por quilo, torrado e móido.

3. Esse preço máximo autorizado deverá constar dos dizeres de que trata o Artigo 7.º da Resolução n.º 163, de 24 de junho de 1960.

4. O presente Comunicado revoga o de número 60/69, de 8 de junho de 1960.

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1960.

ADOLPHO BECKER — Presidente, interino.

COMUNICADO N.º 60/124

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, tendo em vista o disposto nos arts. 6.º e 7.º da Resolução n.º 165, de 24-6-60 (Regulamento de Embarques da Safra 60/61) e em adiantamento ao Comunicado n.º 60-70, de 12-7-60, comunica, para os devidos fins, que o armazém do IBC localizado na cidade de PERDÕES, Minas Gerais, encontra-se em pleno funcionamento e devidamente habilitado a receber cafés das Séries de Expurgo e de Consumo Interno da produção do Estado de Minas Gerais, despachados pela Rede Mineira de Viação e entregues diretamente pelos interessados.

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1960.

ADOLPHO BECKER — Presidente, interino.

COMUNICADO N.º 60/128

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, tendo em vista o disposto nos Artigos 6.º e 7.º da Resolução n.º 165, de 24-6-60 (Regulamento de Embarques da Safra 1960/1961) e em aditamento ao Comunicado n.º 60/76, de 19-7-60, comunica, para os devidos fins, que se encontram em pleno funcionamento e devidamente habilitados a receber cafés das Séries de EXPURGO e de CONSUMO INTERNO, de produção do Estado do PARANÁ, os seguintes armazéns do IBC, localizados em MANDAGUARÁ e UMUARAMA.

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1960.

ADOLPHO BECKER —

Presidente, interino

O CAFÉ VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — N. YORK)

CAFÉ TAMBÉM PARA OS BEBÊS

Em recente número, a revista **Philadelphia Bulletin**, que é lida diariamente por setecentas mil pessoas, apareceu o seguinte artigo:

“Atenção, mães de família: seus bebês devem começar a comer alimentos sólidos com dois dias de idade; dêem-lhes três refeições diárias, quando tiverem três semanas, e café negro logo que eles possam segurar uma xícara.

Dessa maneira, os bebês gozarão melhor saúde e os pais terão menos preocupação — na opinião de um doutor de Miami, que fez essas declarações perante a American Medical Association, reunida naquela cidade.

O médico, Dr. Walter W. Sackett Jr., declarou perante a Convenção da AMA que os resultados dessas recomendações sobre a alimentação dos bebês, que êle começou a fazer há dez anos, têm sido extraordinários, evitando-se os problemas emocionais da infância e estabelecendo-se bons hábitos de alimentação para as crianças, as quais sofrem menos com os dentes e não desenvolvem tanto a predisposição para o endurecimento das artérias.

A esposa do Dr. Sackett, Sra. Mary Sackett, também falou na ocasião, declarando que as teórias do marido muito a ajudaram na educação dos filhos. Disse que, dos seus quatro filhos, dois foram criados segundo os métodos convencionais — a garrafa de leite quando os bebês queriam, comida sólida depois de cinco ou seis meses, e leite durante toda a infância. Mas os dois últimos filhos nasceram quando o Dr. Sackett já estava concitando as mães a não seguirem os caprichos dos bebês, dizendo-lhes que deviam alimentá-los segundo as conveniências da família, e embalá-los quando estivessem contentes e não quando estivessem fazendo manha. A Sra. Sackett, como outras centenas de mães, seguiu os conselhos do doutor, e os dois últimos filhos, criados com o novo sistema de alimentação, tiveram melhor saúde do que os primeiros, emocionalmente mais ajustados também, porque aprenderam cedo o que é uma frustração, e deram aos seus pais mais satisfação do que os outros, criados do modo tradicional.

A idéia do Dr. Sackett, que os colegas a princípio escarneceram e agora estão investigando com atenção, baseia-se no fato de que os bebês americanos bebem demasiado leite. Diz êle que os doutores criaram a mística do leite na alimentação infantil, não dando bastante atenção ao fato de que o leite tem grande porcentagem de gorduras, as quais, como todas as gorduras animais, servem para a formação de depósitos orgânicos que causam arteriosclerose.

O Dr. Sackett afirma que os laticínios constituem um dos maiores perigos na dieta dos Estados Unidos, havendo provas de que é importante manter

uma dieta de poucas gorduras, o que não se pode conseguir se tomar grande quantidade de leite. Além disso, os pais podem viver de maneira mais tranquila, se não se apressarem tanto em satisfazer todos os desejos dos pirralhos. Disse o Dr. Sockett que os bebês podem facilmente se acostumar a serem alimentados de dez em dez horas, em vez de quatro em quatro, e em breve aprendem a dormir durante toda a noite.

O método sugerido pelo Dr. Sockett tem sido recebido de maneira entusiástica pelas mães, como êle próprio informa, não tanto pela conveniência que representa para as mães, mas principalmente pelos excelentes resultados que elas conseguem na criação dos seus filhos. "Concentramo-nos tanto em nossos filhos", diz o Dr. Sockett, "que imaginamos que devemos evitar-lhes qualquer frustração, mas uma frustração em pequena escala só pode fazer-lhes bem."

O Dr. Sockett também recomenda que os bebês sejam alimentados com leite em pó, logo que deixem de tomar leite na garrafa, porque o leite em pó tem menos gordura e, portanto, menos colesterol, substância que, segundo se acredita, causa o endurecimento arterial.

Perguntaram ao Dr. Sockett por que razão êle também recomendava café para os bebês, ao que respondeu: "É que o café contém menos cafeína do que as bebidas gasosas, e as crianças devem ter uma dieta bastante variada, logo que possível." Com menos de três meses de idade," disse o Dr. Sockett, "uma criança pode alimentar-se, para seu próprio benefício, com uma refeição matutina de suco de laranja, ovos mexidos, lombo de porco defumado e a clássica garrafa de leite quente."

O CAFÉ NA FRANÇA

A Costa do Marfim suspendeu as suas exportações de café, ao preencher a sua quota, estabelecida pelo Convênio Internacional do Café, de 44.000 toneladas, mas Madagascar continua as suas exportações para os Estados Unidos, com sua quota de 12 a 15 mil toneladas, em virtude do fato de que as vendas de Madagascar se iniciam mais cedo do que as dos outros produtores africanos, porque sua safra de café também se inicia mais cedo. A renovação das vendas de café de Madagascar foi facilitada pela recente firmeza do mercado, sendo 17 cents a libra o preço pedido pelos vendedores, incluindo-se o transporte.

Madagascar também começou a oferecer café no mercado da metrópole: o café Kouillou da safra corrente foi cotado a 338 N.F., o Superior das áreas do norte a 345 e o das áreas do sul a 342/343. Os negócios estiveram bastante ativos no mercado francês, mas em geral para as necessidades do momento, achando-se os estoques em níveis extremamente baixos, apenas o bastante para o consumo de duas semanas na França. Mas, por motivo dos acontecimentos políticos que podem sobreviver depois da Assembléia Geral das Nações Unidas com relação à situação da Algeria, é possível que terminem subitamente os abastecimentos de café, de modo que deverá melhorar o volume das compras, para que os torradores estejam abastecidos.

Tem havido grande interesse pela Conferência dos Produtores Africanos de Café, realizada na semana passada em Paris. Consta que todos os países

participantes concordaram em princípio no sentido de serem estabelecidos controles eficientes de exportação, para se assegurar em nível suficientemente alto o preço do Robusta. Os franceses manifestaram sua satisfação com relação à atitude dos países da zona da libra esterlina e de Portugal, pela sua cooperação, achando-se praticamente uma realidade o projeto da Federação Pan-Africana do Café. Os franceses também acham que esses países também entrarão para o Convênio Internacional do Café, em seu novo período, desde que essa entidade esteja disposta a dar sua ajuda aos países produtores de café Robusta na estabilização do seu mercado. Os países produtores de café da África francesa também ratificarão o Convênio Internacional do Café, nas mesmas condições.

Em 8 de Setembro, a situação estatística em Le Havre era de 3.176 toneladas; em Marseille, em 27 de Agosto, era de 3.174 toneladas. (Dados do Comtelburo) (Carta Semanal n.º 1210 — 16-9-960)

DISCURSO DO MINISTRO DA FAZENDA DO BRASIL, EM WASHINGTON

Durante a reunião da Junta Diretora do Convênio Internacional do Café, em Washington, esta semana, o Sr. Sebastião Paes de Almeida, Ministro da Fazenda do Brasil pronunciou uma importante alocução, da qual transmitimos os seguintes trechos, que refletem os principais aspectos do problema mundial do café.

“Verifico com satisfação que, desde que aqui estive em Junho último, algum progresso parece estar sendo feito no sentido de estender a disciplina desse instrumento internacional a países ou territórios que, segundo estou informado, consideram a conveniência de, em benefício de todos, juntar seus esforços aos dos atuais signatários, a fim de que possamos vencer, sem prejuízo maior para as nossas economia, a crise de superprodução que torna tão necessário o convênio internacional.

“Li e ouvi os relatórios que me foram feitos sobre o eficiente trabalho de esclarecimento empreendido pela missão da Junta Diretora, que há pouco regressou da África. Tenho esperanças de que esse trabalho frutifique, pois não quero acreditar que não tenhamos coragem, imaginação e suficiente sentido de responsabilidade para deixar de compôr nossas conveniências, conciliá-las, harmonizá-las, de maneira que todos, defendendo os interesses comuns, venham proteger, também, os interesses de cada um em particular.

“Sem dúvida, o progresso que até agora fizemos é insuficiente. Estamos nos primeiros quilômetros de uma longa estrada difícil, áspera, cheia de perigosos abismos, alguns deles camuflados sob a imagem do lucro fácil, mas estrada que poderemos percorrer juntos e aplainar e que, a pouco e pouco, nos poderá levar à meta ideal de um instrumento mais completo, protetor da estrutura dos preços internacionais, controlador da oferta e mesmo da produção.

“Ainda estamos trabalhando por meio empíricos, que nos cumpre ano a ano aperfeiçoar, especialmente através da fiel observância das obrigações

que pactuamos, estamos procurando impedir que o valor de nosso produto nos mercados consumidores seja aviltado, e que ainda mais se deteriore os termos do intercâmbio entre os países que auferem receitas cambiais principalmente mediante a exportação de produtos primários e as economias mais avançadas que exportam bens de capital de que temos tão premente necessidade.

“A colaboração e a disciplina regional, nos moldes da que vimos aperfeiçoando neste Hemisfério, é um dos caminhos para as metas que nos propomos atingir. O comportamento dos preços dos cafés dos latino-americanos no correr do ano do Convênio, em contraste com a baixa sofrida pelos cafés do tipo “Robusta”, é a melhor demonstração de que os entendimentos regionais, que congreguem todos os países exportadores de um mesmo tipo, produzem resultados tangíveis e imediatos. Mais firme será, sem dúvida, a estrutura mundial de preços, se idêntico procedimento fôr adotado pelos produtores africanos.

“Meu país não poupa esforços, no plano internacional como no plano interno, para sanear o mercado cafeeiro. Não lhes preciso relatar em minúcia as medidas que o governo brasileiro vem pondo em prática, para assegurar a justa remuneração ao produtor nacional e a estabilidade dos preços internos do café. Essas medidas, cuja responsabilidade de execução me coube na safra passada, e às quais, há poucos dias, mais uma vez recorremos para garantir o escoamento ordenado da produção exportável do corrente ano agrícola, têm sido, fundamentalmente, um dos principais fatores da relativa estabilidade em que está vivendo o mercado internacional.

“Quero também adiantar-lhes de que o Brasil não poderá continuar com essa política, se não contar com a cooperação ampla e efetiva de todos os países cafeeiros e dos principais países consumidores. Não nos enganemos a nós mesmos. A sustentação do mercado do café, que é vital para a manutenção do intercâmbio internacional em alto nível, precisa ser esforço coletivo, equitativamente repartido.

“Nós últimos três anos, foi-nos possível elaborar em conjunto, primeiro uma política latino-americana do café, e, agora, como que um começo de política mundial para o principal sustentáculo de nossas economias. Permito-me, a esse respeito, pedir atenção do plenário para o esforço que o Brasil está empreendendo no sentido de abrir novos mercados e aumentar o consumo do produto em outros, já tradicionais, inclusive dentro do seu próprio território.

“Não compreendo êsse acôrdo restritivo de exportação senão como um compasso de espera para a expansão do comércio do café, pela divulgação do hábito da bebida. Nosso propósito deve ser o de duplicar o consumo mundial, mediante a utilização de todos os recursos que as modernas técnicas de publicidade põem ao nosso alcance.

“Teremos ainda dias difíceis pela frente, enquanto não vencermos a conjuntura de superprodução. Mas conto com que as ameaças de crise possam ser vencidas, se bem fizermos funcionar o nosso Convênio com a mesma sinceridade com que o planejamos, se estendermos universalmente sua jurisdição e se, sem privilégios ou situações de exceção, a fim de não onerar ainda

mais alguns que já carregam há muito tempo a maior parte da responsabilidade, distribuímos equitativamente os ônus, a fim de que, também equitativamente, possamos receber, em futuro que prevejo próximo, o prêmio de uma estável economia cafeeira.”

REUNIÃO DA FEDECAME

A Reunião Anual da FEDECAME, realizada na Cidade do México, com a participação de 12 países, encerrou-se com uma nota de optimismo, tendo sido aprovadas importantes resoluções relativas à obtenção de mercados novos, ao melhoramento da qualidade dos seus cafés e ao fomento da propaganda do produto com maior intensidade. Os representantes de Madagascar, da Costa do Marfim e dos Camarões confirmaram que seus países assinaram o Convênio Internacional do Café na reunião realizada esta semana em Washington.

Foi também divulgado que Kenya, Uganda, Tanganica, Camarões, Costa do Marfim e Libéria estão formando uma Federação Africana do Café, a qual cooperará com a FEDECAME com respeito à estabilização do mercado mundial do café.

Uma das importantes resoluções aprovadas foi a que trata dos excedentes de café, recomendando-se aos países produtores que aumentem o consumo interno do produto, mediante campanhas de propaganda e a proibição das adulterações do café, com leis especiais para tal fim. Outra resolução se refere ao fortalecimento do programa de fomento do consumo mundial do café, recomendando-se aos países membros que dêem fundos adicionais para tal propósito.

Foi também recomendado aos países membros que realizassem esforços diplomáticos e comerciais para que se reduzam as altas tarifas que pesam sobre o café na Europa, para que assim possa aumentar o consumo do produto naquele mercado, combatendo-se, ao mesmo tempo, as tendências de estabelecimento, no Mercado Comum da Europa, de tarifas ad-valorem, com características discriminatórias que prejudicam os cafés latino-americanos.

Discutindo as vantagens e os riscos envolvidos na abertura de novos mercados, os delegados recomendaram que se tomassem as necessárias precauções, através do Convênio Internacional do Café, para que se evite o “uso impróprio de exportações de café nas áreas que não se acham incluídas na lista dos mercados tradicionais”. Em outra resolução, recomenda-se que a FEDECAME atue junto da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, para que a mesma reduza e, se possível, elimine o diferencial do Contrato M com relação aos cafés das áreas produtoras da FEDECAME, bem como outras medidas discriminatórias injustificadas, e para que os diferenciais na Bolsa sejam estabelecidos pelo menos para 90 dias e não 30 dias, como atualmente. Recomendou-se também à FEDECAME que obtivesse informações telegráficas melhores e mais rápidas dos mercados europeus, para se poderem evitar efeitos prejudiciais aos preços dos cafés da América Latina. Outras resoluções trataram do melhoramento das safras e da aplicação de melhores métodos de cultura do café.

O CAFÉ — COM CREME E AÇÚCAR

Segundo um relatório dado agora à publicidade pelo Bureau Pan-Americano do Café, o creme e o açúcar que os consumidores toma com o seu café representam \$500.000.000 anualmente para os produtores de laticínios e de açúcar, nos Estados Unidos.

O referido relatório, que se baseia em dados estatísticos relativos ao sumo dos produtos em questão, mostra que aproximadamente 75% dos 100 milhões de consumidores de café norte-americanos tomam a sua bebida favorita com creme (ou com leite, em diversas formas), com açúcar ou com ambos produtos.

O leite e o creme consumidos juntamente com o café representaram, em 1959, para os produtores de laticínios, \$ 482.000.000, constituindo 9% do valor total da sua produção. O leite e o creme consumidos com a fabricação de queijos representaram 10% da produção total dos produtores de leite, e apenas 7.6% da produção no uso de "icecream" e outros produtos semelhantes.

O consumo do açúcar usado no café, no ano passado, foi de 803.000.000 de libras, no valor de \$92.000.000, de modo que, como se observa nos relatórios, o consumo do açúcar com o café não é tão importante como o consumo do leite com o café.

Diz mais o relatório que os 100.000.000 de consumidores de café dos Estados Unidos tomam, em média, 377.000.000 de xícaras por dia, ou 137.000.000.000 de xícaras por ano — necessitando-se as quantidades, acima mencionadas, de creme e açúcar.

De acôrdo com o relatório do Bureau, o creme e o açúcar são usados em maior quantidade no café pelos consumidores jovens, e mais pelos homens do que pelas mulheres. O uso desses produtos com o café também varia de acôrdo com as regiões do país, sendo maior no Leste, ao passo que no Oeste se encontra o maior número de bebedores de café que não põem açúcar na bebida. (Carta Semanal n.º 1211 — 23-9-960)



Estadísticas

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXVI	São Paulo, Novembro de 1960	N.º 419
----------	-----------------------------	---------

SAFRA 1960/1961

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	Jul./Set.	1.ª dezena Outubro	2.ª dezena Outubro	3.ª dezena Outubro	Total
Santos a Jundiá	55 511	308	999	1 441	58 259
Sorocatabana	497 298	82 049	92 621	91 400	763 368
Paulista	1 100 025	138 478	153 848	88 630	1 480 981
Mojiana	66 705	14 397	14 687	13 733	109 522
Araraquara	265 455	35 765	29 700	13 418	344 338
Bragantina	7 211	750	1 988	2 617	12 566
Noroeste do Brasil	487 965	44 947	42 660	25 574	60 046
São Paulo e Minas	5 309	327	1 325	1 647	8 608
Central do Brasil	105	100	—	175	380
Estrada de Rodagem	644 322	64 019	68 131	33 724	810 196
Total	3 129 906	381 040	405 959	272 359	4 189 264

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA O RIO DE JANEIRO

Quotas	Jul./Set.	1.ª dezena Outubro	2.ª dezena Outubro	3.ª dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	3 986	564	1 550	4 547	10 647
Cons. Int. S. S.	349	—	—	—	349
Exp. S. S.	175	—	—	—	175
Preferencial	23 263	5 207	8 227	4 498	41 195
C. I. Pref. S. S.	5 038	—	—	—	5 038
Exp. Pref. S. S.	2 458	—	—	—	2 458
RODOVIÁRIO					
Comum	77 300	9 651	6 203	4 038	97 192
Cons. Int. S. S.	4 774	—	—	—	4 774
Exp. S. S.	2 408	—	—	—	2 408
Preferencial	213	—	822	—	1 035
Total	119 964	15 422	16 802	13 083	165 271

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO ANGRA DOS REIS

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	5 328	—	—	—	5 328
RODOVIÁRIO					
Despolpado	—	—	—	505	505
Comum	234 783	18 553	25 571	30 792	309 699
Cons. Int. S. S.	10 372	—	—	—	10 372
Exp. S. S.	5 209	—	—	—	5 209
Preferencial	3 798	203	—	252	4 253
Total	259 490	18 756	25 571	31 549	335 366

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA NITERÓI

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
RODOVIÁRIO					
Comum	77 347	15 723	9 320	5 436	107 826
Cons. Int. S. S.	3 168	—	—	—	3 168
Exp. S. S.	1 606	—	—	—	1 606
Total	82 121	15 723	9 320	5 436	112 600

CAFÉ PAULISTA DAS QUOTAS CONS. INT. E EXP. DESPACHADO
PARA OS REGULADORES

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
Consumo Interno	832 702	112 234	128 204	105 577	1 178 717
Expurgo	430 086	57 621	62 621	51 353	601 681
Total	1 262 788	169 855	190 825	156 930	1 780 398

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR QUOTAS

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
Despolpado.....	117 461	3 847	5 449	4 213	130 970
Cooperativa.....	37 619	6 602	6 858	3 238	54 317
Preferencial.....	1 190 467	98 048	97 990	58 218	1 444 723
C. Int. Pref. S. S.	14 867	—	—	—	14 867
Exp. Pref. S. S.	7 290	—	—	—	7 290
Comum.....	2 155 998	322 444	347 355	256 758	3 082 555
Cons. Int. S. S.	45 108	—	—	—	45 108
Exp. S. S.	22 671	—	—	—	22 671
Consumo Interno.....	832 702	112 234	128 204	105 577	1 178 717
Expurgo.....	430 086	57 621	62 621	51 353	601 681
Total.....	4 854 269	600 796	648 477	479 357	6 582 899

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA SANTOS

“PARANAENSE”

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado.....	27	—	—	—	27
Comum.....	422 974	121 063	199 853	198 967	942 857
Cons. Int. S. S.	2 937	—	—	—	2 937
Exp. S. S.	1 466	—	—	—	1 466
Preferencial.....	24 279	—	—	—	24 279
C. Int. Pref. S. S.	13	—	—	—	13
Exp. Pref. S. S.	6	—	—	—	6
RODOVIÁRIO					
Despolpado.....	13 067	256	289	381	13 993
Cooperativa.....	—	506	967	250	1 723
Comum.....	1 139	—	—	—	1 139
Cons. Int. S. S.	154	—	—	—	154
Exp. S. S.	77	—	—	—	77
Preferencial.....	48 412	3 491	6 948	3 091	61 942
C. Int. Pref. S. S.	4 724	—	—	—	4 724
Exp. Pref. S. S.	2 362	—	—	—	2 362
Total.....	521 637	(*)125 316	(*)208 057	(*)202 689	1 057 699

(*) Incompleto.

“MINEIRO”

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado.....	3 229	811	—	15	4 055
Comum	5 519	1 552	1 662	1 263	9 996
Cons. Int. S. S.	60	—	—	—	60
Exp. S. S.	30	—	—	—	30
Preferencial	25 025	5 405	4 301	4 465	39 196
C. Int. Pref. S. S.	991	—	—	—	991
Exp. Pref. S. S.	496	—	—	—	496
RODOVIÁRIO					
Despolpado.....	58 407	2 430	5 672	1 981	68 490
Cooperativa	695	—	—	—	695
Comum	279	—	—	—	279
Cons. Int. S. S.	79	—	—	—	79
Exp. S. S.	40	—	—	—	40
Preferencial	52 646	13 432	20 453	16 257	102 788
C. Int. Pref. S. S.	2 432	—	—	—	2 432
Exp. Pref. S. S.	1 340	—	—	—	1 340
Total.....	151 268	(*)23 630	(*)32 088	(*)23 981	230 967

(*) Incompleto

“GOIANO”

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	6 019	—	—	—	6 019
Cons. Int. S. S.	349	—	—	—	349
Exp. S. S.	176	—	—	—	176
RODOVIÁRIO					
Despolpado.....	120	—	—	—	120
Preferencial	562	—	—	—	562
C. Int. Pref. S. S.	72	—	—	—	72
Exp. Pref. S. S.	36	—	—	—	36
Total.....	7 334	(*) —	(*) —	(*) —	7 334

(*) Incompleto.

“MATOGROSSENSE”

Quotas	Jul./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	31 864	3 654	4 613	2 002	42 133
Preferencial	441	—	—	—	441
RODOVIÁRIO					
Preferencial	140	—	—	—	140
Despachado	504	—	—	—	504
Total	32 949	3 654	4 613	(*)2 002	43 218

(*) Incompleto.

Café Fluminense — Rodoviário — 2.^a Outubro 60 — 25 scs. DespachadoCAFÉ DAS QUOTAS CONS. INT. E EXP. DE OUTROS ESTADO DESPACHADO
PARA OS REGULADORES DÊSTE ESTADO

Quotas	Ju./Set.	1. ^a dezena Outubro	2. ^a dezena Outubro	3. ^a dezena Outubro	Total
PARANÁ					
Consumo Interno	46 392	16 147	28 098	32 945	123 582
Expurgo	7 704	2 605	11 872	13 514	35 695
MINAS GERAIS					
Consumo Interno	1 903	—	106	—	2 009
Expurgo	96	—	25	—	121
GOIÁS					
Consumo Interno	55	—	—	—	55
Expurgo	—	—	—	—	—
MATO GROSSO					
Consumo Interno	10 787	3 160	2 552	3 512	20 011
Expurgo	6 852	2 235	3 852	3 639	16 578
Total	73 789	(*)24 147	(*)46 505	(*)53 610	198 051

(*) Incompleto

“COMUM”

Cons. Int. S. S. — Exp. S. S.

Dezenas	Comum	Cons. Int. S.S.	Expurgo S.S.	Total	Liberado	A Liberar
1. ^a Julho 60 ...	23 109	1 482	741	25 332	23 486	1 846
2. ^a „ „ „	175 382	4 589	2 345	182 316	61 896	120 420
3. ^a „ „ „	185 358	3 780	1 890	191 028	—	191 028
1. ^a Agosto „ „	162 611	3 310	1 655	167 576	—	167 576
2. ^a „ „ „	166 644	3 706	1 853	172 203	—	172 203
3. ^a „ „ „	196 132	4 730	2 364	203 226	—	203 226
1. ^a Setembro „ „	145 001	2 924	1 462	149 387	—	149 387
2. ^a „ „ „	293 246	1 870	936	296 052	—	296 052
3. ^a „ „ „	404 762	—	—	404 762	—	404 762
1. ^a Outubro „ „	277 953	—	—	277 953	—	277 953
2. ^a „ „ „	304 711	—	—	304 711	—	304 711
3. ^a „ „ „	211 945	—	—	211 945	—	211 945
Rodoviário „ „	5 009	54	27	5 090	5 090	—
Total	2 551 863	26 445	13 273	2 591 581	90 472	2 501 109

**IMPORTAÇÃO DE CAFÉ DA REPÚBLICA FEDERAL DA
ALEMANHA — SEGUNDO OS PAÍSES**

(Janeiro a Junho de 1960)

País	Quantidade (Sacas de 60 kg)	%
Brasil	352.357	+ 23,1%
Colômbia	292.839	19,2%
El Salvador	273.153	17,9%
Kenia-Uganda	134.405	8,8%
Costa Rica	131.402	8,6%
Guatemala	123.738	8,2%
México	64.004	4,2%
Outros países	150.247	10,0%
TOTAL	1.522.145	100,0%

Fonte: Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, em Bonn.

“DESPOLPADO”

SAFRA 1960/1961

(até 31 de Outubro de 1960)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
Julho 60 a Agosto de 60	4 917	4 917	—
1. ^a Setembro 60	1 179	1 179	—
2. ^a ” ”	242	242	—
3. ^a ” ”	959	882	77
1. ^a Outubro ”	98	—	98
2. ^a ” ”	63	8	55
3. ^a ” ”	785	—	785
Rodoviário	122 222	98 910	23 312
Total	130 465	106 138	24 327

“PREFERENCIAL”

Cons. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.

Dezenas	Prefe- rencial	Cons. Int. Pref. S.S.	Expur. Pref. S.S.	Total	Liberado	A liberar
1. ^a Julho 60 .	882	—	—	882	882	—
2. ^a ” ”	71 013	830	415	72 258	71 819	439
3. ^a ” ”	102 518	1 082	541	104 141	103 709	432
1. ^a Agosto ”	85 809	169	84	86 062	85 222	840
2. ^a ” ”	79 362	368	184	79 914	77 810	2 104
3. ^a ” ”	110 525	1 313	657	112 495	111 085	1 410
1. ^a Setembro,	84 192	748	374	85 314	82 884	2 430
2. ^a ” ”	69 894	440	220	70 554	67 735	2 819
3. ^a ” ”	74 885	—	—	74 785	58 533	16 252
1. ^a Outubro ”	38 970	—	—	38 970	21 988	16 982
2. ^a ” ”	33 054	—	—	33 054	—	33 054
3. ^a ” ”	25 905	—	—	25 905	—	25 905
Rodoviário.	621 331	4 879	2 357	628 567	361 986	266 581
Total	1 398 240	9 829	4 832	1 412 901	1 043 653	369 248

“COOPERATIVA”

Quotas	Despachado	Liberado	A Liberar
Cooperativa — Rodoviário.....	54 317	42 664	11 653

“OUTROS ESTADOS”

PRODUTORES	Despachado	Liberado	A Liberar
PARANÁ			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S...	947 260	3 239	944 021
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. Rodoviário	1 370	1 370	—
Pref. — C. I. Pref. S. S. — Exp. Pref. S.S.	24 298	24 195	103
Pref. — C. I. Pref. S. S. — Exp. Pref. S.S. Rodoviário	69 028	46 041	22 987
Cooperativa — Rodoviário.....	1 723	—	1 723
Despoldado	27	27	—
Despoldado — Rodoviário	13 993	10 682	3 311
MINAS GERAIS			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S...	10 086	—	10 086
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S. Rodoviário	398	398	—
Pref. — C. I. Pref. SS. — Exp. Pref. SS. ...	40 683	28 548	12 135
Pref. — C. I. Pref. SS. — Exp. Pref. SS. Rodoviário	106 560	25 341	81 219
Cooperativa — Rodoviário.....	695	695	—
Despoldado	4 055	4 040	15
Despoldado — Rodoviário	68 490	51 542	16 948
GOIÁS			
Comum — Cons. Int. S. S. — Exp. S. S...	6 544	—	6 544
Pref. — C. I. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S. Rodoviário	670	252	418
Despoldado — Rodoviário	120	60	60
MATO GROSSO			
Comum	42 133	686	41 447
Preferencial	441	441	—
Preferencial — Rodoviário	140	140	—
Despoldado — Rodoviário	504	504	—
FLUMINENSE			
Despoldado	25	—	25
Total	1 339 243	198 201	1 141 042

Movimento de café destinado a Santos

"DESPOLPADO"

SAFRA 1959 1960

(até 31 de Outubro de 1960)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
1. ^a Julho de 59 a 3. ^a Junho - 60	39 023	39 023	—
Rodoviário	152 306	151 377	929
Total	191 329	190 400	929

PREFERENCIAL

Cons. Int. Pref. S. S. — Exp. Pref. S. S.

Dezenas	Pref. C. I. Pref. SS. Exp. Pref. S.S.	Quotas CIPSS e EPSS Con- vertidas em definitivas	Comprado P/I.B.C.	Liberado	A Liberar
Mês de Julho 59	822 288	—	—	822 288	—
1. ^a Agosto	216 453	—	—	216 453	—
2. ^a "	220 392	—	—	220 392	—
3. ^a "	242 428	—	204	241 804	420
1. ^a Setembro	178 550	—	—	178 550	—
2. ^a "	195 257	—	—	195 257	—
3. ^a "	255 728	—	—	255 432	266
1. ^a Outubro	164 207	—	—	163 837	370
2. ^a "	122 973	—	—	122 701	272
3. ^a "	117 617	—	1 218	114 345	2 054
1. ^a Novembro	45 350	—	1 532	37 223	6 595
2. ^a "	59 657	474	1 138	50 703	7 342
3. ^a "	37 820	—	1 048	32 877	3 895
1. ^a Dezembro	31 226	—	2 271	12 315	16 640
2. ^a "	23 690	—	460	9 283	13 947
3. ^a "	27 903	96	1 466	6 573	19 768
1. ^a Janeiro 60	7 725	—	—	3 438	4 287
2. ^a "	12 399	—	525	4 328	7 546
3. ^a "	9 113	78	250	2 827	5 958
1. ^a Fevereiro	9 048	—	504	1 712	6 832
2. ^a "	6 094	—	116	2 505	3 473
3. ^a "	2 320	—	156	1 140	1 024
1. ^a Março	1 128	—	348	120	660
2. ^a "	640	—	—	509	131
3. ^a "	1 592	—	258	636	698
1. ^a Abril	276	—	—	156	120
2. ^a "	1 168	—	—	—	1 168
3. ^a "	2 097	—	654	1 024	419
Rodoviário	704 129	—	—	688 146	15 983
Total	3 519 268	648	12 148	3 386 574	119 898

NOTA: Da quantidade de café liberado constam 17.774 sacas compradas pelo I.B.C.

"COMUM"

Cons. Int. S. S. — Exp. S. S.

Dezenas	Comum Cons. Int. SS. Exp. S.S.	Quotas CISS e ESS Convertidas em defint.	Comprado P/I.B.C.	Liberado	A Liberar
1. ^a Julho 59	462 166	—	—	462 166	—
2. ^a "	382 099	—	—	382 099	—
3. ^a "	540 426	—	—	539 426	1 000
1. ^a Agosto	468 976	—	—	467 626	1 350
2. ^a "	458 683	28 974	15 448	251 834	162 427
3. ^a "	500 466	42 174	37 949	135 770	284 573
1. ^a Setembro	269 081	16 831	38 735	85 922	127 593
2. ^a "	211 529	6 357	39 451	49 353	116 368
3. ^a "	217 971	6 615	41 512	53 581	116 263
1. ^a Outubro	149 657	2 917	39 256	20 649	86 835
2. ^a "	146 103	13 893	22 462	12 020	97 728
3. ^a "	187 359	21 337	33 014	16 609	116 399
1. ^a Novembro	74 669	8 814	16 044	3 959	45 852
2. ^a "	67 492	7 160	17 740	6 416	36 176
3. ^a "	42 066	4 272	12 534	6 447	18 813
1. ^a Dezembro	32 006	4 009	7 971	3 769	16 257
2. ^a "	20 030	2 736	6 404	413	10 477
3. ^a "	15 614	1 515	6 333	1 023	6 734
1. ^a Janeiro 60	4 196	160	3 079	329	628
2. ^a "	10 762	168	6 833	1 739	2 022
3. ^a "	15 132	752	4 126	4 090	6 164
1. ^a Fevereiro	8 762	96	4 207	1 440	3 019
2. ^a "	3 986	—	849	226	2 911
3. ^a "	2 882	—	1 514	96	1 272
1. ^a Março	1 922	—	560	336	1 026
2. ^a "	2 070	—	1 650	—	420
3. ^a "	596	—	215	120	261
1. ^a Abril	192	—	156	—	36
2. ^a "	—	—	—	—	—
3. ^a "	3 887	—	2 919	84	884
Rodoviário	765 309	—	—	755 361	9 948
Total	5 066 089	168 780	360 961	3 262 903	1 273 445

FLORESTA é o fator de saúde, de estabilidade agrícola e de defesa nacional.

“OUTROS ESTADOS”

Produtores	Despa- chado	Comprado P.I.B.C.	Liberado	A Liberar
PARANÁ				
Comum — C. I. SS. — Exp. S.S. ...	234 409	36 757	87 613	110 039
Comum — C. I. SS. — Exp. SS. Rodoviário	96 906	—	94 594	2 312
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS.	126 492	330	117 580	8 582
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS. Rodoviário	118 318	—	117 307	1 011
Despolpado	3 819	—	3 819	—
Despolpado — Rodoviário	21 806	—	19 355	2 451
MINAS GERAIS				
Comum — C. I. SS. — Exp. SS. ...	23 628	90	5 591	17 947
Comum — C. I. SS. — Exp. SS. Rodoviário	43 721	—	40 894	2 827
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS.	226 307	600	210 840	14 867
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS. Rodoviário	101 039	—	100 472	567
Despolpado	14 782	—	14 782	—
Despolpado — Rodoviário	73 360	—	71 964	1 396
GOIÁS				
Comum — C. I. S.S. — Exp. SS. ...	182 457	33 251	131 123	18 083
Comum — C. I. S.S. — Exp. SS. Rodoviário	41 137	—	41 072	65
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS.	84 340	2 800	81 080	460
Pref. — C. I. Pref. SS. — E. Pref. SS. Rodoviário	23 097	—	22 881	216
Despolpado — Rodoviário	98	—	98	—
Comum	26 083	7 794	15 217	3 072
Preferencial	524	—	524	—
Pref. — C. I. Pref. SS. — Exp. Pref. SS.				
Rodoviário	200	—	120	80
Despolpado — Rodoviário	843	—	843	—
ESTADO DO RIO DE JANEIRO				
Pref. — C. I. Pref. SS. — Exp. Pref. SS.				
Rodoviário	30	—	30	—
Despolpado — Rodoviário	173	—	175	—
ESPÍRITO SANTO				
Despolpado — Rodoviário	255	—	255	—
Total	1 443 824	81 622	1 178 227	183 975

NOTA: Do total de cafés Paranaense e Goiano liberados constam, respectivamente, 1.345 e 1.000 sacas compradas pelo I.B.C.

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 30 DE JUNHO DE 1960

SAFRAS 1955/56 a 1959/60

Unidade: mil sacas de 60 quilos

ESPECIFICAÇÃO	SAFRAS				
	1955/56	1956/57	1957/58	1958/59	1959/60
I — SALDO VERIFICADO EM 30/6:					
1) a liberar	66	2 874	60	3 573	3 102
2) estoque disponível nos portos	3 239	3 856	3 613	7 217	3 438
Total	3 305	6 730	3 673	10 790	6 540
II — CAFÉ REGISTRADO: (Julho a Junho)					
1) café de safras anteriores	17	31	16	397	22
2) café de safra em curso	22 033	12 519	21 231	26 786	43 816
3) café revertido aos mercados	22	137	344	2 021	4 035
Total	22 072	12 687	21 591	29 204	47 873
Total I e II	25 377	19 417	25 264	39 994	54 413
III — CONSUMO: (Julho a Junho)					
1) exportação para o Exterior	16 970	14 907	13 552	14 840	17 913
2) comércio de cabotagem	396	289	417	412	1 357
3) consumo no Int. e industrializado	...	93	67	210	305
4) consumo nos portos	376	428	433	423	507
5) café retirado dos mercados	905	27	5	6 936	711
Total	18 647	15 744	14 474	22 821	20 793
IV — EXISTÊNCIA GLOBAL: (Em 30 de Junho) (I e II — III)	6 730	3 673	10 790	17 173	33 620
V — CAFÉS DE SÉRIES EXCEDENTES: (Julho e Junho)					
1) Série de Consumo Interno(*)	—	—	—	7 971	12 954
2) Série de Expurgo	—	—	—	2 662	4 381
Total	—	—	—	10 633	17 335
VI — EXISTÊNCIA COMERCÍAVEL EM 30/6(**) (IV — V)	6 730	3 673	10 790	6 540	16 285

NOTA: (*) Total do registrado, incluindo, portanto, parte já entregue pelo IBC, constante do título III, itens 2, 3 e 4.

(**) Inclui o café existente nos portos, Armazéns Reguladores e em trânsito.

Fonte: I.B.C.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ EM NOVEMBRO DE 1960

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					Total Geral
	Exterior			Consumo de bordo	Cabo- tagem	
	Estados Unidos	Outros Países	Total			
Santos	192 794	285 383	478 177	649	—	478 826
Rio de Janeiro	155 552	185 470	341 022	—	40 000	381 022
Paranaguá	50 375	39 701	90 076	16	—	90 092
Vitória	52 920	93 853	126 773	—	—	126 773
Angra dos Reis	137 219	39 639	176 858	—	—	176 858
Salvador	6 135	6 901	13 036	—	—	13 036
Recife	—	11 899	11 899	—	—	11 899
Niterói	65 667	9 862	75 529	—	—	75 529
Antonina	—	—	—	—	52 190	52 190
Total	640 662	672 708	1 313 370	665	92 190	1 406 225

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO EM 30 DE NOVEMBRO DE 1960

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	DATA	QUANTIDADE
Santos	29/10	(*)3 885 708
Rio de Janeiro	30/11	1 330 054
Paranaguá	30/11	2 509 897
Vitória	30/11	264 919
Angra dos Reis	30/11	133 120
Salvador	30/11	20 848
Recife	30/11	1 933
Niterói	30/11	2 288
Total		8 148 767

Obs.: — Cifras sujeitas a retificação.

(*) — Retifica dados anteriores.

Fonte: I.B.C.

Exportação Brasileira de Café

SEGUNDO OS PAÍSES DE DESTINO
AGOSTO E JANEIRO A AGOSTO DE 1960

I — CAFÉ CRU

Destino	Mês de Agosto			Meses de Janeiro a Agosto		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. 3m mil US\$	Valor em mil CR\$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US\$	Valor em mil CR\$
ÁFRICA:	13 876	493	44 393	93 569	3 312	261 460
Argélia	—	—	—	9 870	309	23 485
Costa do Marfim	—	—	—	125	4	315
Marrocos	650	21	1 883	17 339	573	43 932
Moçambique	180	7	642	625	27	2 166
Rep. Árabe Unida	2 950	93	8 400	10 775	350	28 157
Rodésia do Sul	—	—	—	180	7	598
Tânger	3 822	120	10 823	12 322	392	31 478
Tunísia	354	12	1 060	4 728	168	13 140
União Sul Africana	5 920	240	21 585	37 605	1 482	118 189
AMÉRICA CENTRAL						
E NORTE:	812 244	35 545	3 197 125	6 865 641	294 327	23 520 034
Antilhas Holandesas	—	—	—	345	14	1 054
Canadá	34 010	1 514	136 213	218 354	9 507	762 087
Estados Unidos	778 234	34 031	3 060 912	6 646 942	284 806	22 756 893
AMÉRICA DO SUL:	63 109	2 223	200 023	379 959	13 672	1 113 421
Argentina	57 612	2 014	181 221	313 451	10 950	888 135
Chile	2 500	113	10 125	46 960	1 953	159 317
Paraguai	—	—	—	8 000	357	32 093
Uruguai	2 997	96	8 677	11 548	412	33 876
ÁSIA:	30 093	1 148	103 306	89 746	3 384	279 284
China	—	—	—	1 666	74	5 645
Chipre	1 925	62	5 579	7 649	255	20 519
Filipinas	—	—	—	1 163	48	3 624
Hong Kong	5 070	226	20 378	5 070	226	20 378
Irã	—	—	—	100	3	251
Israel	—	—	—	2 516	109	9 602
Japão	7 605	339	30 518	25 699	1 149	95 091
Jordânia	1 400	44	3 919	3 600	115	9 604
Líbano	6 825	210	18 883	35 015	1 138	90 541
Turquia	7 268	267	24 029	7 268	267	24 029
EUROPA:	587 093	24 576	2 211 214	3 965 775	169 101	13 605 911
Albânia	—	—	—	1 250	56	4 233
Alemanha Ocid.	86 309	3 790	340 839	456 072	20 073	1 621 787
Alemanha Oriental	29 734	1 338	120 423	170 463	7 714	621 297
Andorra	—	—	—	141	6	460
Austria	5 150	216	19 473	20 541	826	66 569
Bélgica Luxemburgo	39 011	1 534	137 947	206 325	8 422	677 461
Dinamarca	46 460	1 997	179 696	315 274	13 357	1 065 063
Espanha	12 641	516	46 436	118 055	5 137	424 531
Finlândia	40 343	1 582	142 335	202 836	8 052	654 672
França	56 132	1 971	177 283	369 705	13 532	1 078 415
Gibraltar	1 750	53	4 726	12 989	417	33 008

(Continua)

Exportação Brasileira de Café

AGÔSTO E JANEIRO A AGÔSTO DE 1960

(Continuação)

Destino	Mês de Agosto			Meses de Janeiro a Agosto		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US\$	Valor em mil CR\$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US\$	Valor em mil CR\$
Grécia.....	718	27	2 443	32 406	1 230	93 931
Holanda.....	18 383	811	72 883	187 624	8 152	643 384
Hungria.....	1 000	45	4 014	14 485	643	49 478
Irlanda.....	120	5	481	120	5	481
Islândia.....	2 700	107	9 624	20 600	874	68 982
Itália.....	38 946	1 651	148 595	520 487	22 535	1 750 340
Iugoslávia.....	5 500	226	20 370	78 383	3 656	287 299
Noruega.....	21 775	969	87 224	276 159	12 388	990 560
Polônia.....	8 332	375	33 745	30 064	1 391	110 995
Reino Unido.....	17 772	741	66 687	108 367	4 482	370 737
Rumânia.....	—	—	—	11 383	555	42 180
Suécia.....	67 232	2 993	269 440	545 985	24 331	1 963 680
Suíça.....	4 118	184	16 517	33 178	1 476	117 770
Tchecoslováquia.....	16 300	653	58 730	36 216	1 554	127 253
União Soviética.....	66 667	2 792	251 303	196 667	8 237	741 345
OCEÂNIA:	136	6	546	3 865	172	13 425
Austrália.....	51	2	205	3 546	158	12 291
Nova Zelândia.....	85	4	341	319	14	1 134
Total.....	1 506 551	63 991	5 756 607	11 398 555	483 968	38 793 535

II — CAFÉ INDUSTRIALIZADO

CAFÉ SOLÚVEL

AMÉRICA DO SUL:						
Paraguai.....	—	—	—	106	3	581

CAFÉ TORRADO

AMÉRICA DO NORTE						
Canadá.....	—	—	—	6	0	26

Obs.: 1 saca de café cru equivale, aproximadamente, a 14,5 quilos de café solúvel e a 48 quilos de café torrado.

Fonte: I.B.C.

Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória

OUTUBRO DE 1960

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos R. - Tipo 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
4.....	597 00	591 50	587 00	480 00	417 00
5.....	597 00	591 00	588 50	480 00	417 00
6.....	597 00	591 00	588 50	480 00	417 00
7.....	597 00	591 00	588 50	480 00	417 00
10.....	597 00	591 00	588 50	480 00	417 00
11.....	597 00	591 00	588 50	480 00	417 00
12.....	597 00	591 00	588 50	490 00	420 00
13.....	597 00	591 00	588 50	490 00	420 00
14.....	595 50	590 00	588 50	490 00	420 00
17.....	595 50	590 00	588 50	490 00	420 00
19.....	595 50	590 00	588 50	490 00	420 00
20.....	596 00	590 00	586 50	490 00	420 00
21.....	596 00	590 00	586 50	490 00	420 00
24.....	596 00	590 00	588 50	490 00	420 00
25.....	595 00	590 00	586 50	490 00	420 00
26.....	595 00	590 00	586 50	490 00	420 00
27.....	595 00	590 00	586 50	490 00	420 00
28.....	595 00	590 00	586 50	490 00	—
31.....	595 00	590 00	586 50	490 00	420 00
Mínima	595 00	590 00	586 50	480 00	417 00
Média	596 05	590 42	587 72	487 00	398 10
Máxima	597 00	591 50	588 50	490 00	420 00

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ SOLÚVEL EM 1959

O Brasil vendeu em 1959, aos mercados externos, US\$ 457.981.000 de café solúvel, dos quais US\$ 14.554.000 se destinaram a países da América do Sul e US\$ 443.427.000, a países da Europa.

Ao Paraguai, foram vendidos US\$ 6.121.000 de café solúvel e ao Uruguai US\$ 8.433.000. À Alemanha, foram vendidos US\$ 66.138.000; à Finlândia, 2.291.000; e ao Reino Unido, 374.990.000.

Foram vendidos, ainda, café torrado no valor de US\$ 10.533.452.000. Toda a quantidade exportada, no total de 13.105.632 quilos se destinou a Europa. Para a Alemanha, foram exportados US\$ 3.797.676 quilos; para Bélgica-Luxemburgo, 5.745.865 dólares; para a Holanda, 546.700; para Itália, US\$ 317.279; para Suécia, US\$ 49.000.

Assim, a exportação global de café do Brasil, em 1959, incluindo cafés verde, torrado e solúvel, se elevou a US\$ 744.031.221. Somente a exportação de cafés verdes se elevou a US\$ 733.040.388.

Cotações de Café Brasileiro no Disponível de Nova York

Em cents. por libra-pêso (453,60)

OUTUBRO DE 1960

DIAS	SANTOS				RIO
	Tipo 2/3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2/3 Disp. N. Y	Tipo 4 Disp. N. Y,	Tipo 7 Disp. N. Y.
3.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
4.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
5.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
6.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
7.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
10.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
11.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
13.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
14.....	35.00	34.25	37.00	36.50	—
17.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
18.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
19.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
20.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
21.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
24.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
25.....	35.00	34.25	37.00	36.25	—
27.....	35.00	34.00	37.00	36.25	—
28.....	35.00	34.00	37.00	36.25	—
31.....	35.00	34.00	37.00	36.25	—
Mínima	35.00	34.00	37.00	36.25	—
Média	35.00	34.21	37.00	36.89	—
Máxima	35.00	34.25	37.00	36.50	—

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ PELA GRÃ-BRETANHA

As compras de café efetuadas pela Grã-Bretanha de janeiro a abril do ano em curso atingiram a 327 668 sacas, acusando um acréscimo da ordem de 11,5% em relação a igual período de 1959, conforme revelam os dados divulgados pela George Gordon Paton & Co. Os principais fornecedores, foram os seguintes: Uganda, com 90.026 sacas (27,5% do total e mais 14,9% do que de janeiro a abril de 1959); Quênia, com 78.828 sacas (24,1% do total e menos 4,6% do que no primeiro quadrimestre de 1959); e Brasil, com 53 231 sacas (16,2% do total e mais 15,8% do que nos primeiros quatro meses de 1959).

Câmbio em Nova York sobre Rio de Janeiro

SETEMBRO DE 1960

DIAS	Rio de Janeiro	DIAS	Rio de Janeiro
	Cr\$		Cr\$
1.....	0, 00 55	20.....	0, 00 55
2.....	0, 00 55	21.....	0, 00 55
6.....	0, 00 55	22.....	0, 00 55
7.....	0, 00 55	23.....	0, 00 55
8.....	0, 00 55	26.....	0, 00 55
9.....	0, 00 55	27.....	0, 00 55
12.....	0, 00 55	28.....	0, 00 55
13.....	0, 00 55	29.....	0, 00 55
14.....	0, 00 55	30.....	0, 00 54
14.....	0, 00 55		
15.....	0, 00 55	Mínima.....	0, 00 54
16.....	0, 00 55	Média.....	0, 00 55
19.....	0, 00 55	Máxima.....	0, 00 55

OUTUBRO DE 1960

DIAS	Rio de Janeiro Dólar - Cr\$	DIAS	Rio de Janeiro Dólar - Cr\$
3.....	0, 00 54	20.....	0, 00 54
4.....	0, 00 54	21.....	0, 00 54
5.....	0, 00 54	24.....	0, 00 54
6.....	0, 00 54	25.....	0, 00 54
7.....	0, 00 54	26.....	0, 00 54
10.....	0, 00 54	27.....	0, 00 54
11.....	0, 00 54	28.....	0, 00 54
13.....	0, 00 54	31.....	0, 00 54
14.....	0, 00 54		
17.....	0, 00 54	Mínima.....	0, 00 54
18.....	0, 00 54	Média.....	0, 00 54
19.....	0, 00 54	Máxima.....	0, 00 54



CONSUMO INTERNO DE CAFÉ — Em palestra que pronunciou na Junta Administrativa do IBC, o sr. Luiz Fortunato Moreira Ferreira, diretor dessa autarquia, afirmou que o consumo interno de café, no Brasil, deverá atingir acêrca de 4,8 milhões de sacas no ano em curso, segundo os dados até agora computados pelo setor especial que está controlando as vendas no mercado interno em todo o país. Ressaltou, ainda, que esta é a primeira vez que se dispõe de elementos concretos para a estimativa do nosso consumo, advertindo, porém, que nestes números não está incluída a quantidade de café consumida nas próprias zonas produtoras, em seu âmbito rural.

Câmbio no Rio de Janeiro sobre diversas praças

1 — MERCADO OFICIAL — VENDAS A VISTA

OUTUBRO DE 1960

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
1.....	53 18 98	18 92 00	4 39 51	0 66 27	N/Cot.	1 65 96	N/Cot.	3 66 67	5 01 85
4.....	53 18 98	18 92 00	4 39 51	0 66 27	"	1 65 96	"	3 66 67	5 01 85
5.....	53 18 41	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 65 74	"	3 66 67	5 02 14
6.....	53 18 41	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 65 93	"	3 66 67	5 02 14
7.....	53 19 36	18 92 00	4 39 32	0 66 60	"	1 65 93	"	3 66 67	5 02 14
8.....	53 21 25	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 66 12	"	3 66 67	5 02 14
10.....	53 21 25	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 66 12	"	3 66 67	5 02 14
11.....	53 21 06	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 66 39	"	3 66 67	5 02 33
12.....	53 18 79	18 92 00	4 39 51	0 66 60	"	1 67 44	"	3 66 48	5 02 33
13.....	53 20 49	18 92 00	4 39 51	0 66 29	"	1 66 50	"	3 66 48	5 02 33
14.....	53 20 68	18 92 00	4 39 70	0 66 79	"	1 66 58	"	3 66 67	5 02 33
15.....	53 20 68	18 92 00	4 39 70	0 66 79	"	1 66 58	"	3 66 67	5 02 33
17.....	53 20 49	18 92 00	4 39 51	0 66 79	"	1 66 50	"	3 66 67	5 02 33
18.....	53 20 49	18 92 00	4 39 51	0 66 79	"	1 68 39	"	3 66 86	5 02 33
19.....	53 25 03	18 92 00	4 39 62	0 66 79	"	1 68 39	"	3 66 86	5 02 33
20.....	53 25 03	18 92 00	4 39 51	0 66 79	"	1 68 39	"	3 66 86	5 02 33
21.....	53 26 17	18 92 00	4 38 89	0 66 79	"	1 68 39	"	3 66 86	5 02 52
22.....	53 27 12	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 68 39	"	3 67 05	5 02 52
24.....	53 27 12	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 68 39	"	3 67 05	5 02 52
25.....	53 27 87	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 70 28	"	3 67 05	5 02 53
26.....	53 28 06	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 70 28	"	3 67 05	5 02 53
27.....	53 26 36	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 70 28	"	3 67 05	5 02 53
28.....	53 26 36	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 71 23	"	3 67 05	5 02 53
31.....	53 28 63	18 92 00	4 40 08	0 66 79	"	1 71 23	"	3 67 24	5 02 52
Mínima.....	53 18 41	18 92 00	4 39 32	0 66 27	—	1 65 74	—	3 66 48	5 01 85
Média.....	53 22 66	18 92 00	4 39 70	0 66 66	—	1 67 71	—	3 66 79	5 02 31
Máxima.....	53 28 63	18 92 00	4 40 08	0 66 79	—	1 71 23	—	3 67 24	5 02 52

Câmbio no Rio de Janeiro sobre diversas praças

II — MERCADO OFICIAL — COMPRAS A VISTA

OUTUBRO DE 1960

D I A S	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Coroa	Holanda Florim.
1.....	51 61 00	18 36 00	4 26 37	0 64 21	N/Cot.	1 60 49	N/Cot.	3 55 73	4 86 91
4.....	51 61 00	18 36 00	4 26 37	0 64 21	"	1 60 49	"	3 55 73	4 86 91
5.....	51 59 16	18 36 00	4 25 95	0 64 26	"	1 60 28	"	3 55 45	4 86 72
6.....	51 55 49	18 36 00	4 25 95	0 64 26	"	1 60 28	"	3 55 45	4 86 72
7.....	51 56 41	18 36 00	4 25 77	0 64 08	"	1 60 28	"	3 55 45	4 86 72
8.....	51 59 16	18 36 00	4 25 95	0 64 08	"	1 60 28	"	3 55 35	4 86 72
10.....	51 59 16	18 36 00	4 25 95	0 64 08	"	1 60 28	"	3 55 35	4 86 72
11.....	51 58 98	18 36 00	4 25 95	0 64 08	"	1 60 28	"	3 55 45	4 86 91
12.....	51 57 14	18 36 00	4 25 95	0 64 08	"	1 60 65	"	3 55 27	4 86 91
13.....	51 56 77	18 36 00	4 25 95	0 64 08	"	1 60 65	"	3 55 27	4 86 91
14.....	51 58 43	18 36 00	4 25 95	0 64 26	"	1 60 65	"	3 55 45	4 86 91
15.....	51 58 61	18 36 00	4 26 14	0 64 26	"	1 60 65	"	3 55 45	4 86 91
17.....	51 58 51	18 36 00	4 26 14	0 64 26	"	1 60 65	"	3 55 45	4 86 91
18.....	51 58 43	18 36 00	4 25 95	0 64 26	"	1 60 65	"	3 55 45	4 86 91
19.....	51 61 00	18 36 00	4 25 77	0 64 26	"	1 62 49	"	3 55 63	4 86 91
20.....	51 62 83	18 36 00	4 25 95	0 64 26	"	1 62 49	"	3 55 63	4 86 91
21.....	51 63 93	18 36 00	4 26 32	0 64 26	"	1 62 49	"	3 55 63	4 87 09
22.....	51 64 85	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 62 49	"	3 55 82	4 87 09
24.....	51 64 85	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 62 49	"	3 55 82	4 87 09
25.....	51 65 59	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 64 32	"	3 55 82	4 86 91
26.....	51 65 77	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 64 32	"	3 55 82	4 86 91
27.....	51 64 12	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 64 32	"	3 55 82	4 86 91
28.....	51 64 12	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 65 24	"	3 55 82	4 86 91
31.....	51 66 32	18 36 00	4 26 50	0 64 26	"	1 65 24	"	3 56 00	4 87 09
Mínima.....	51 55 49	18 36 00	4 25 77	0 64 08	—	1 60 28	—	3 55 27	4 86 72
Média.....	51 61 06	18 36 00	4 26 16	0 64 21	—	1 61 76	—	3 56 42	4 86 89
Máxima.....	51 66 32	18 36 00	4 26 50	0 64 26	—	1 65 24	—	3 56 00	4 87 09

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Vários aspectos do problema da poda do cafeeiro (conclusão) — J. E. Teixeira Mendes	5
Melhoramento do café <i>robusta</i> — A. Carvalho	9

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Aducação do cafeeiro (Palestra pronunciada pelo eng.º-agr.º Walter Lazzarini no Curso sobre Produção, Industrialização e Comercialização do Café, realizado pelo Centro de Debates Agrônômicos, da Sociedade Paulista de Agronomia)	12
Cientistas brasileiros em Reunião Internacional da FAO	23
Safra de café no Paraná, em 1961 — J. G. Orsini	24

Atos oficiais:

Decreto N. 37 457, de 3 de novembro de 1960 (Sobre a abertura de um crédito suplementar de Cr\$ 900.000,00, no Instituto de Café do Estado de São Paulo, administrado pela Superintendência dos Serviços do Café da Secretaria da Fazenda). Instituto Brasileiro do Café — Resolução n.º 179, de 14 de novembro de 1960. Comunicados ns. 123, 124 e 128, de 27 e 31 de outubro, de 24 de novembro, respectivamente	27-28
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café, Nova Iorque — setembro de 1960)	29

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 419, novembro de 1960	36
Importação de café da República Federal da Alemanha — segundo os países (janeiro a junho de 1960)	41
Posição estatística do café no Brasil em 30 de junho de 1960	47
Exportação brasileira de café em novembro de 1960	48
Café disponível nos portos de exportação em 30 de novembro de 1960	48
Exportação brasileira de café — segundo os países de destino (agosto e janeiro a agosto de 1960)	49
Cotações de Café no disponível de Santos, Rio de Janeiro e Vitória — outubro de 1960	51
Exportação de café solúvel em 1959	51
Cotações de café brasileiro no disponível de Nova Iorque (outubro de 1960)	52
Importação de café pela Grã-Bretanha (janeiro a abril de 1960)	52
Câmbio em Nova Iorque sobre Rio de Janeiro (setembro e outubro de 1960)	53
Consumo Interno de Café, no Brasil	53
Câmbio no Rio de Janeiro sobre diversas praças — I — mercado oficial — vendas a vista — outubro de 1960 — II — compras a vista — outubro de 1960	54-55
Câmbio em Nova York sobre diversas praças — outubro de 1960	APENSO
Movimento de café na praça de Santos — setembro de 1960	APENSO
Demonstração da conta patrimonial do exercício de 1959 do Patrimônio do Instituto do Café do Estado de São Paulo	APENSO
Balancete da Receita e despesa do Patrimônio do Instituto do Café em 31 de janeiro de 1960	APENSO

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

OUTUBRO DE 1960

DIAS	Londres L	Montreal \$	Rio de Janeiro Cr\$	Buenos Aires Pêso	Montevideo Pêso	Paris Franco	Berna Franco	Stockolmo Coroa	Madrid Peseta	Lisboa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdan Guilder	Berlim Marco
3.....	2 81 14	1 02 28	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 41 00	0,23 21 87	0,19 37 25	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 30	0,26 52 50	0,23 98 25
4.....	2 81 02	1 02 07	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 41 00	0,23 21 00	0,19 37 25	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 45	0,26 52 00	0,23 97 25
5.....	2 80 99	1 02 03	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 40 25	0,23 20 50	0,19 36 50	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 51 75	0,23 97 75
6.....	2 81 03	1 02 22	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 39 25	0,23 20 75	0,19 36 50	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 25	0,23 96 75
7.....	2 81 13	1 02 21	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 39 25	0,23 21 00	0,19 36 50	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 55	0,26 52 25	0,23 97 00
10.....	2 81 00	1 02 20	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 37 75	0,23 21 25	0,19 36 50	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 55	0,26 52 75	0,23 97 25
11.....	2 80 92	1 02 03	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 37 75	0,23 20 75	0,19 36 00	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 50	0,23 96 75
13.....	2 81 04	1 02 14	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 37 75	0,23 20 75	0,19 35 75	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 50	0,23 96 75
14.....	2 81 01	1 02 16	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 37 75	0,23 21 00	0,19 36 25	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 50	0,23 97 00
17.....	2 81 01	1 02 05	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 39 25	0,23 20 25	0,19 36 25	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 50	0,23 97 00
18.....	2 81 18	1 01 92	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 38 00	0,23 19 50	0,19 37 00	0,01 67 75	0,03 50 50	0,02 00 60	0,26 52 50	0,23 96 75
19.....	2 81 21	1 02 03	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 38 00	0,23 19 75	0,19 37 00	0,01 67 75	0,03 50 75	0,02 00 60	0,26 52 25	0,23 97 50
20.....	2 81 27	1 02 35	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 34 25	0,23 22 75	0,19 37 75	0,01 67 75	0,03 50 75	0,02 00 65	0,26 52 50	0,23 98 00
21.....	2 81 47	1 02 31	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 34 75	0,23 23 50	0,19 37 75	0,01 67 75	0,03 51 00	0,02 00 70	0,26 52 50	0,23 97 75
24.....	2 81 36	1 02 39	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 37	0,20 36 00	0,23 25 00	0,19 38 00	0,01 67 75	0,03 51 25	0,02 00 70	0,26 52 25	0,23 97 75
25.....	2 81 39	1 02 42	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 25	0,20 37 00	0,23 23 25	0,19 38 25	0,01 67 75	0,03 51 25	0,02 00 85	0,26 52 50	0,23 98 00
26.....	2 81 28	1 02 23	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 25	0,20 38 50	0,23 23 00	0,19 38 25	0,01 67 75	0,03 51 25	0,02 01 00	0,26 52 50	0,23 98 00
27.....	2 81 32	1 02 25	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 25	0,20 39 50	0,23 23 00	0,19 38 00	0,01 67 75	0,03 51 00	0,02 01 00	0,26 52 50	0,23 98 00
28.....	2 81 48	1 02 34	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 25	0,20 39 50	0,23 23 25	0,19 38 75	0,01 67 75	0,03 51 00	0,02 01 35	0,26 52 50	0,23 99 00
31.....	2 81 65	1 02 42	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 25	0,20 41 25	0,23 23 25	0,19 39 50	0,01 67 75	0,03 51 25	0,02 01 45	0,26 52 50	0,23 98 00
Mínima.	2 80 92	1 01 92	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 00	0,20 34 25	0,23 19 50	0,19 35 75	0,01 67 50	0,03 50 50	0,02 00 30	0,26 51 75	0,23 96 75
Média...	2 81 19	1 02 20	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 08	0,20 38 38	0,23 21 76	0,19 37 25	0,01 67 68	0,03 50 75	0,02 00 71	0,26 52 40	0,23 97 47
Máxima.	2 81 48	1 02 42	0, 00 54	0, 01 22	0, 09 37	0,20 41 25	0,23 25 00	0,19 39 50	0,01 67 75	0,03 51 25	0,02 01 45	0,26 52 50	0,23 99 75

Movimento de café na praça de Santos

SETEMBRO DE 1960

(Unidade: sacas de 60 quilos)

DIAS	ENTRADA POR PROCEDÊNCIA					Totais	ENTRADA POR VIAS			Embarcado	Revertido	Estoque Físico
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense		E.F.S.J.	E.F.S.	Rodoviário			
1.....	8 456	—	—	—	—	64 965	6 635	1 821	56 509	8 019	211	4 032 550
2.....	8 381	—	—	—	—	15 616	5 690	2 691	7 235	65 465	104	3 982 805
3.....	9 230	—	510	—	—	9 740	7 028	2 712	—	45 896	18	3 946 667
5.....	1 718	60	—	—	—	1 778	—	1 778	—	24 508	65	3 924 002
6.....	49 559	604	—	1 200	—	89 655	44 035	7 328	38 292	42 439	24	3 971 242
9.....	6 105	—	—	394	—	6 499	5 034	1 465	—	—	451	3 978 192
10.....	16 657	—	—	—	—	16 657	16 307	350	—	8 654	398	3 986 593
12.....	22 784	1 885	—	6 101	112	120 625	4 144	26 738	89 743	12 184	127	4 095 161
13.....	54 627	500	400	2 920	—	58 447	51 533	6 914	—	21 866	24	4 131 766
14.....	11 329	—	—	6	—	11 335	6 522	4 813	—	33 298	61	4 109 864
15.....	19 164	200	—	504	686	21 987	15 218	5 336	1 433	37 300	66	4 094 617
16.....	2 880	—	1 000	—	—	3 880	2 132	1 748	—	37 689	184	4 060 992
17.....	9 440	56	—	—	—	9 496	9 496	—	—	12 737	74	4 057 825
19.....	51 232	—	—	490	224	135 043	50 226	1 720	83 097	21 551	95	4 171 412
20.....	33 230	—	—	—	—	33 230	31 558	1 672	—	34 554	186	4 170 274
21.....	7 287	1 139	—	507	—	8 933	2 986	5 947	—	8 395	101	4 170 913
22.....	19 484	2 666	—	1 500	—	23 650	15 166	8 484	—	13 843	28	4 180 748
23.....	4 783	210	—	—	1 200	6 193	3 660	2 533	—	36 521	283	4 150 703
24.....	2 377	—	—	—	—	33 454	—	2 377	31 077	27 061	90	4 157 186
26.....	41 806	—	—	—	—	41 806	41 806	—	—	19 061	128	4 180 059
27.....	29 373	123	—	—	—	60 587	21 316	8 180	31 091	31 632	8	4 209 022
28.....	4 995	910	—	—	—	5 905	1 777	4 128	—	26 296	193	4 188 824
29.....	12 058	508	—	—	—	49 098	12 254	312	36 532	42 272	59	4 195 709
30.....	14 282	454	—	—	—	14 736	11 677	3 059	—	24 469	437	4 186 413
Total..	441 237	9 315	1 910	13 622	2 222	843 515	366 200	102 106	375 009	635 710	3 415	—

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA PATRIMONIAL DO EXERCÍCIO DE 1959 DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

VARIAÇÕES PASSIVAS				VARIAÇÕES PASSIVAS			
	Cr\$	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Cr\$	Cr\$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA				RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
<i>Ordinária</i>				<i>Ordinária</i>			
Serviço da Dívida Fundada:				Patrimonial	253.076.257,90		
Empréstimo Externo ...	145.317.802,70			Tributária	128.745.633,20		
Empréstimo Interno p/				Industrial	10.850,00	381.832.741,10	
Conversão da Dívida							
Externa	3.706.838,00	140.024.640,70		<i>Extraordinária</i>			
				Diversos	67.880.112,70	449.712.853,80	
Encargos em Geral		37.091.528,40					
Administração Imobiliária		11.521.360,80		MUTAÇÕES PATRIMONIAIS			
Administração		141.688.931,10	339.326.461,00	Amortização de Dívidas	125.479.376,50		
				Aquisição de Ações	103.500.000,00		
MUTAÇÕES PATRIMONIAIS				Aquisição de Bens Móveis	1.306.105,00		
Alienação de Bens		107.173.896,50		Diversos	4.064.810,60	234.350.292,10	
Diversos		263.447,50	107.437.344,00				
SOMA			446.763.805,00				
RESULTADO ECONÔMICO DO EXERCÍCIO							
Superavit verificado			237.299.340,90				
			684.063.145,90				684.063.145,90

DEMONSTRAÇÃO DO SALDO DESTA CONTA

SALDO DO EXERCÍCIO DE 1958	927.587.992,40
SUPERAVIT DO EXERCÍCIO DE 1959	237.299.340,90
PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 31-12-1959	1.164.887.333,30

Departamento de Contabilidade, em 31 de Dezembro de 1959.

WALDEMAR CAMARGO ABREU

Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto

G. Livros — CRC. — Sp. n.º 5159

VISTO

GARCIA NEVES DE MORAES FORJAZ Jr.

Gerente, Substituto

VISTO

Auditoria da Fazenda 31-12-1959

DEMÉTRIO VIEIRA DANESE

Contador — CRC — Sp. 476

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFE' DO ESTADO DE SÃO PAULO

EM 31 DE JANEIRO DE 1960

RECEITA			DESPESA		
	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Cr\$
RECEITA ORDINÁRIA			DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
ORDINÁRIA			Serviço da Dívida Fundada	14.476.002,30	
Tributária	4.951.764,80		Encargos Diversos	11.217,30	
Patrimonial	8.043.156,80		Administração Imobiliária	213.045,00	
Industrial		12.994.921,60	Administração	239.159,00	14.939.428,60
EXTRAORDINÁRIA			DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Diversos		306.374,60	Restos a Pagar — 1958	62.648,00	
			Restos a Pagar — 1959	4.604.128,50	4.666.776,70
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			Diversos	0,20	
Depósitos	18.846,30				19.606.200,30
Diverso	4.843.982,10	4.862.328,40	SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
			Em Bancos	208.802.146,60	
		18.164.124,60	Em Caixa	400.105,00	209.202.251,60
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR					228.808.451,90
Em Bancos	196.135.392,30				
Em Caixa	167.335,00	210.644.327,30			
Correspondente no Extrangeiro	14.341.600,00				
		228.808.415,90			

WALDEMAR CAMARGO ABREU

Chefe de Departamento de Contabilidade

— Substituto — G. Livros — C.R.C. —

Sp. n. 5.1959

Departamento de Contabilidade, 31 de janeiro de 1960.

VISTO

GARCIA NEVES DE MORAES FORJAZ JUNIOR

Gerente Substituto

VISTO

Auditoria da Fazenda, 31-5-1960

DEMÉTRIO VIEIRA DANESE

Auditor da Secretaria da Fazenda

Contador — CRC — Sp. 476



Cafeciro em flor

